

הַפְּתִיחַ

A Última Palavra
do Livro de Daniel

12

O SÁBADO NO PENTATEUCO
(PARTE I)

Uma instituição divina.

30

O QUE ESTÁ SOB O TAPETE?
Descubra.

39

O PADRE
Candidato ao Céu!



3⁺Discípulo

Vem e Segue-me

"Eis que cedo venho." A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-lo melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **António Amorim**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL revista.adventista@pservir.pt

COLABORADORES DE REDAÇÃO **Manuel Ferro**

DESIGN GRÁFICO **Rita Mendes Sadio**

DIAGRAMAÇÃO **Joana Areosa**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **PUBLICADORA SerVir, S. A.**

DIRETOR-GERAL **Artur Guimarães**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almagem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES
assinaturas@pservir.pt | 21 962 62 19

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

MDI – Design e Impressão, V. N. Famalicão

TIRAGEM **1000 exemplares**

DÉPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

PREÇO NÚMERO AVULSO **1,90€**

ASSINATURA ANUAL **19,00€**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO E. R. C.
DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

 **Igreja Adventista
do Sétimo Dia**

A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A..

março

D	S	T	Q	Q	S	S
27	28	1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31	1	2

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

4-6 FORMAÇÃO SOBRE DEPENDÊNCIAS

5 DIA DE ORAÇÃO DAS MULHERES |
PROGRAMA DE ÊNFASE NO ESTUDO
BÍBLICO

6 SAL

10-13 ENCONTRO DE PROFISSIONAIS
DE SAÚDE

12 DIA DA EDUCAÇÃO

19 DIA GLOBAL DA JUVENTUDE E DA
CRIANÇA

19-26 SEMANA DE ORAÇÃO DE JOVENS

25-27 MAPAS

27 ASSEMBLEIA-GERAL AJA

28 ORAÇÃO 5.6/6.7 (ZOOM)

28 e 29 FORMAÇÃO DE INICIAÇÃO À
COLPORTAGEM

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

28/2-4/3 CASA PUBLICADORA
ADVENT (SWU)

1-11 UNIVERSIDADE ADVENTISTA DE
FRANÇA (EUD)

14-18 ASSOCIAÇÃO DA BOÉMIA
(CSU)

21-25 ASSOCIAÇÃO DA HANSA (NGU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[28] SEGUNDA-FEIRA

abril

D	S	T	Q	Q	S	S
27	28	29	30	31	1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

1-3 CONVENÇÃO DE COLPORTORES

2 DIA DE JEJUM E ORAÇÃO | ENCON-
TROS DE MORDOMIA

9 DIA DOS AMIGOS DA ESCOLA
SABATINA

10 SAL

14-17 ACREG's

25 ORAÇÃO 5.6/6.7 (ZOOM)

26-30 ASSEMBLEIA-GERAL DE
COMUNIDADES

30 CERIMÓNIA DE ORDENAÇÃO AO
MINISTÉRIO PASTORAL/ASSEMBLEIA
ESPIRITUAL

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

28/3-1/4 HOPE MEDIA EUROPE
(EUD)

4-8 CONCÍLIO DE PRIMAVERA DA
CONFERÊNCIA GERAL

11-15 ASSOCIAÇÃO DO BANAT (ROU)

18-22 HOSPITAL WALFRIEDE (EUD)

25-29 UNIVERSIDADE ADVENTISTA
DE CERNICA (ROU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[18] SEGUNDA-FEIRA

[C] CAMINHOS

[24] DOMINGO

[FH] RTP2 ENTRE AS 15:00 E AS 15:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 22:47

[C] RTP2 ENTRE AS 10:00 E AS 10:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 06:00

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

04

EDITORIAL

O fantástico estudo dos livros proféticos da Bíblia

33

ESPÍRITO DE PROFECIA

Ler, estudar e compreender Daniel
A importância de Daniel segundo o Espírito de Profecia.

34

PÁGINA DA FAMÍLIA

Uma raspadinha!
Descubra onde se encontra a verdadeira “sorte”.

36

ESPAÇO JUVENIL

O livro do profeta Daniel
Fica a conhecer um grande profeta de Israel.

39

TESTEMUNHO

O Padre
A mensagem dos três anjos também é para o Clero Católico.

40

MEMÓRIAS DA NOSSA HISTÓRIA

Alberto Raposo
A significativa história de um pioneiro Adventista português.

44

Notícias Internacionais e Nacionais.



DESCOBRIR

05

A última palavra do livro de Daniel
A diferença que faz uma única palavra.

12

O Sábado no Pentateuco – Do Éden ao Sinai (Parte I)
Os factos indesmentíveis acerca da instituição do Sábado por Deus.

20

É Pedro a pedra sobre a qual Jesus edificou a Igreja?
Um mito desmistificado.



DESENVOLVER

24

Dez dicas para se dominar um mau temperamento
Aprenda a dominar-se.



DAR

30

O que está sob o tapete?
O progresso do Evangelho no mundo muçulmano.



EDITORIAL

Pr. Antônio Amorim
Presidente da UPASD

O fantástico estudo dos livros proféticos da Bíblia

O estudo das profecias bíblicas tem seduzido muitas gerações ao longo dos séculos, muitas vezes estando na base de grandes reavivamentos espirituais. O Movimento Adventista, que deu, mais tarde, origem à Igreja Adventista do Sétimo Dia, é um desses exemplos. O estudo das profecias bíblicas aproxima-nos de Deus e da Sua revelação. Abre também a porta para a descoberta de enigmas literários e de significados inspirados. É o caso da última palavra de Daniel, espelhando significados, tanto literários, sobre a autoria e natureza deste livro, como teológicos. A análise da última palavra do livro de Daniel revela a consistência de todo o livro, a assinatura da sua autenticidade e uma evocação da maior esperança do ser humano: A ressurreição na Segunda Vinda de Jesus Cristo. Além do interesse intelectual, o interesse espiritual assim despertado encoraja o estudo das profecias, com rigor intelectual e espiritual, e consolida a confiança nesta importante área da revelação das Sagradas Escrituras.

O estudo das profecias é um elemento essencial da nossa identidade eclesial. Ellen G. White, “Mensageira do Senhor”,¹ que se contou entre os líderes pioneiros da Igreja Adventista do Sétimo Dia, realça a importância do estudo das profecias: “Devem Daniel e Apocalipse merecer a atenção como nunca dantes na história da nossa obra.”² “Cumpre-nos vigiar e orar, e estudar e dar ouvidos às lições que nos são dadas nos livros de Daniel e de Apocalipse.”³ Ellen G. White apela a uma apresentação das profecias em ligação com Jesus Cristo: “Os ministros devem apresentar a firme palavra da

profecia como o fundamento da fé dos Adventistas do Sétimo Dia. As profecias de Daniel e Apocalipse devem ser cuidadosamente estudadas e, em ligação com elas, as palavras: ‘Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.’”⁴ No entanto, Ellen G. White recomenda que não se apresente as profecias de forma agressiva, “quanto ao poder romano e ao Papado”, exaltando sempre o “Senhor Deus do Céu e a Sua lei”.⁵ Também apela: “Não sejam apressados a entrar em controvérsia. [...] Deixem que falem os livros de Daniel e Apocalipse, dizendo o que é a verdade. Seja, porém, qual for o assunto apresentado, exaltem Jesus como o centro de toda a esperança.”⁶ A paixão pelas profecias deve estar em equilíbrio com o relacionamento com Cristo e com a piedade prática: “Aqueles que se têm demorado mais sobre as profecias e os pontos teóricos da nossa fé devem sem demora tornar-se estudantes da Bíblia sobre assuntos práticos. Devem tomar um gole maior na fonte da verdade divina. Devem estudar cuidadosamente a vida de Cristo e as Suas lições de piedade prática, dadas para o benefício de todos e para serem a norma do viver correto para todos os que venham a crer no Seu nome. Devem estar imbuídos do espírito do seu grande Modelo e ter uma percepção elevada da vida consagrada de um seguidor de Cristo.”⁷

Que Deus nos ajude a orarmos, estudarmos e refletirmos acerca das profecias bíblicas, com o olhar, a mente e a paixão de Cristo, aplicando pessoalmente os Seus ensinamentos na vida diária e refletindo mais o caráter do Senhor.

¹ Carta 55, 1905. Citada em *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pp. 35 e 36.

² *Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos*, pp. 112 e 113.

³ *Conselhos sobre Educação*, p. 114.

⁴ *Evangélico*, p. 196.

⁵ Carta 57, 1896. Citada em *Evangélico*, p. 577.

⁶ *Testemunhos para a Igreja*, vol. 6, p. 61.

⁷ *Testemunhos para a Igreja*, vol. 3, p. 214.



Artur Stele
*Vice-Presidente
da Conferência Geral*

*Retirado da revista Ministry
de fevereiro de 2021.*

הַפְּתִיחַ

A ÚLTIMA PALAVRA DO LIVRO DE DANIEL

*Um erro gramatical
ou uma escolha consciente?*

Não é novidade para os estudiosos da Bíblia que o livro de Daniel foi escrito em duas línguas antigas: hebreu e aramaico. Daniel começa o livro em hebreu, mas, a partir de Daniel 2:4, muda para aramaico e continua a escrever nessa língua até ao fim do capítulo 7. Depois, começando com o capítulo 8, ele retoma a escrita em hebreu. No entanto, quando se chega à última palavra do livro, descobrimos algo interessante. Daniel começa a última palavra em hebreu, mas adiciona-lhe uma terminação em aramaico. É como se ele, na última palavra, tentasse ligar as duas línguas usadas no seu livro. Alguns académicos defendem que Daniel estava provavelmente cansado e juntou as duas línguas na última palavra por erro, algo que facilmente pode acontecer a pessoas proficientes em duas ou mais línguas. Contudo, permanece a grande questão: Poderia ter Daniel adicionado intencionalmente um plural aramaico a uma palavra hebraica?

Este artigo tentará demonstrar que se tratou de uma escolha deliberada e inteligente, que tem implicações teoló-

gicas muito significativas para a interpretação das referências cronológicas do décimo segundo capítulo de Daniel.

PORQUE USAR DUAS LÍNGUAS?

Antes de se considerar a última palavra do livro de Daniel, necessitamos de tentar responder à pergunta sobre a razão por que ele precisou de usar duas línguas no mesmo livro, e determinar se nós, hoje, podemos aprender algumas lições práticas com esse duplo uso.

O bilinguismo do livro de Daniel não é único no Antigo Testamento. O mesmo fenómeno encontra-se no livro de Esdras. As passagens de Esdras 4:8-6:18 e 7:12-26 estão escritas em aramaico, enquanto o resto do livro está escrito em hebreu. Apesar disso, a explicação do uso de duas línguas em Esdras é muito mais óbvia e não gerou discórdia entre os intérpretes. As porções aramaicas do livro de Esdras contêm, sobretudo, cartas e documentos que foram originalmente escritos em aramaico e o autor decidiu não os traduzir, mas apresentá-los na língua original. Dado que a maior parte dos retornados do cativo em Babiló-



nia compreendia a língua aramaica, era muito apropriado citar as cartas e os documentos na sua língua original.¹

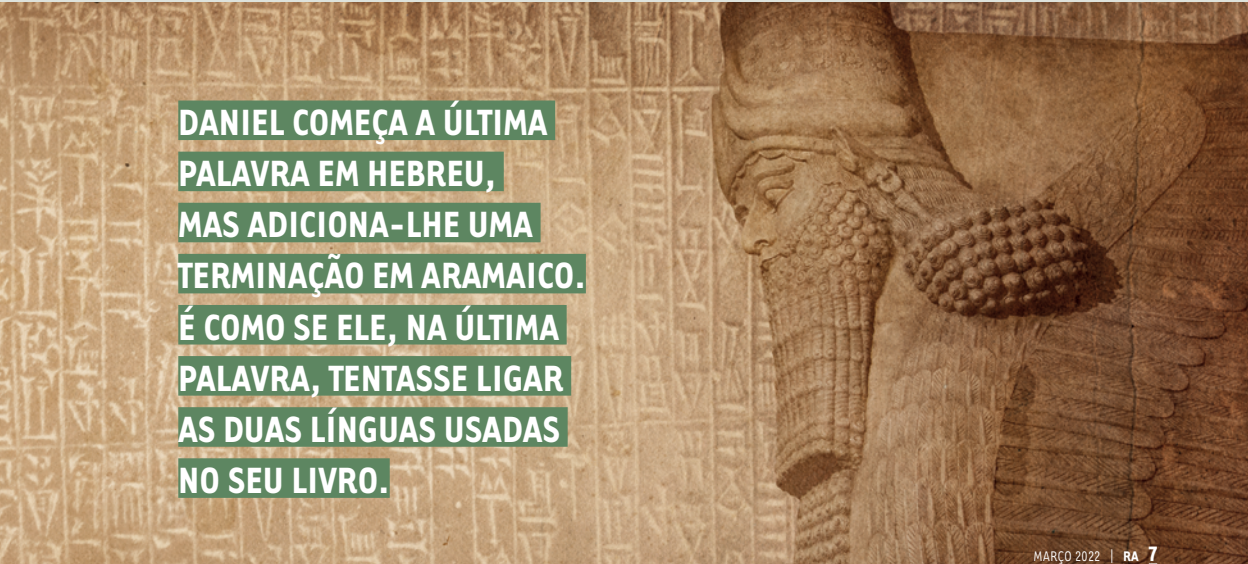
Quando se trata do livro de Daniel, a explicação do uso das duas línguas é muito mais complicada. A transição em Daniel 2:4 do hebreu para o aramaico parece muito natural: “Os caldeus disseram ao rei em aramaico: Ó rei, vive eternamente! Dize o sonho a teus servos, e daremos a interpretação” (ARA). À primeira vista, parece que Daniel usou a mesma abordagem que Esdras usou, nomeadamente, reproduzir diretamente o discurso na língua em que ele foi originalmente pronunciado. Espera-se que Daniel, depois de citar as palavras dos Caldeus, regressasse ao uso do hebreu. Entretanto, Daniel continua a escrever em aramaico até ao fim do capítulo 7, mesmo depois de o tópico ter mudado completamente, transitando para o hebreu apenas no começo do capítulo 8.

EXPLICAÇÕES POSSÍVEIS E PLAUSÍVEIS

Dado que não existe um modo simples e óbvio de explicar o uso das duas

línguas, têm sido apresentadas muitas explicações.² Por exemplo, alguns estudiosos sugeriram que o livro se divide naturalmente em duas partes: a primeira parte é uma narrativa, sendo sobretudo constituída por histórias, e a segunda parte é uma secção profética. Consequentemente, Daniel escolheu escrever as duas secções em duas línguas diferentes. No entanto, este argumento não funciona porque ambas as secções empregam ambas as línguas. A secção narrativa começa em hebreu, mas termina em aramaico, e a secção profética começa em aramaico e termina em hebreu.

Outros sugeriram que todo o livro de Daniel foi originalmente composto em aramaico e depois foi traduzido para hebreu. Com base nesta teoria, aquilo que temos hoje em aramaico é a língua original e o que temos em hebreu sobreviveu apenas em tradução. Contudo, a descoberta de manuscritos do livro de Daniel entre os *Manuscritos do Mar Morto* contesta fortemente esta teoria. Os Rolos 1QDana, 4QDana e 4QDanb de Qumran contêm a



DANIEL COMEÇA A ÚLTIMA PALAVRA EM HEBREU, MAS ADICIONA-LHE UMA TERMINAÇÃO EM ARAMAICO. É COMO SE ELE, NA ÚLTIMA PALAVRA, TENTASSE LIGAR AS DUAS LÍNGUAS USADAS NO SEU LIVRO.

mesma transição de hebreu para aramaico e de aramaico para hebreu.³ Nestes rolos, 1000 anos mais velhos do que o Texto Massorético, a transição de uma língua para a outra ocorre exatamente nos lugares onde também ocorre no Texto Massorético.⁴

Os intérpretes sugeriram explicações adicionais para a existência de duas línguas no livro de Daniel. Eles procuraram, sobretudo, indicar a existência de diferentes autores, que teriam escrito partes do livro, as quais teriam sido compiladas, mais tarde, por um editor. Entretanto, alguns académicos argumentaram convincentemente a favor da unidade do livro.⁵ Eles demonstraram persuasivamente que existe uma estrutura unificada do livro, bem como uma unidade temática definida.

A explicação mais razoável do bilinguismo de Daniel é o facto de que a língua aramaica era a língua franca do tempo do profeta. Era a língua oficial do Império Babilónico e do Império Persa, enquanto o hebreu era a língua nativa de Daniel, isto é, a língua do povo de Israel. Daniel usou a língua hebraica para a mensagem que era mais dirigida ao povo da Aliança, e para a mensagem destinada a todo o mundo ele empregou a língua internacional daquela época. Como declara Gleason Archer: “Um estudo cuidadoso do tema produz respostas bastante óbvias: Os capítulos em aramaico lidam com assuntos que dizem respeito a todos os cidadãos do Império Babilónico e do Império Persa, enquanto os outros seis capítulos se relacionam com preocupações especificamente judaicas e com os planos

especiais de Deus para o futuro do Seu povo da Aliança.”⁶

Se este raciocínio está correto, ele provê-nos uma perspectiva interessante sobre o modo de proclamarmos a verdade de Deus a todo o mundo. Devemos deixar que o Senhor nos guie quanto aos tópicos que escolhemos para comunicar ao mundo, usando todos os Meios de Comunicação modernos, e também permitir que o Senhor nos guie quanto aos tópicos que devemos enfatizar quando falamos com aqueles que já são seguidores de Cristo.

POR QUE RAZÃO FOI USADO UM SUFIXO ARAMAICO?

A última palavra hebraica do livro de Daniel é única por causa da sua terminação plural em aramaico e por causa do seu forte contexto escatológico. Naturalmente, ela intriga os estudiosos do livro. Por que razão Daniel acrescenta a uma palavra hebraica uma terminação aramaica? Como já se referiu, alguns estudiosos interpretaram este fenómeno como sendo simplesmente um erro de copista. Contudo, temos de ter presente os dois factos seguintes. Primeiro, a terminação plural em aramaico é totalmente sustentada pela tradição textual hebraica. Segundo, “a causa mais comum de erros de copista” é uma troca de letras que são semelhantes, mas as letras finais hebraicas *nun* e *mem* são bastante diferentes.⁷

A opção restante para a compreensão do fenómeno da última palavra no livro de Daniel consiste em concluir que Daniel criou intencionalmente uma palavra que combina as línguas hebraica e aramaica. Se esse é

o caso, que propósito alcançaria Daniel e que significado teria esse propósito para os seus leitores?

DUAS POSSIBILIDADES

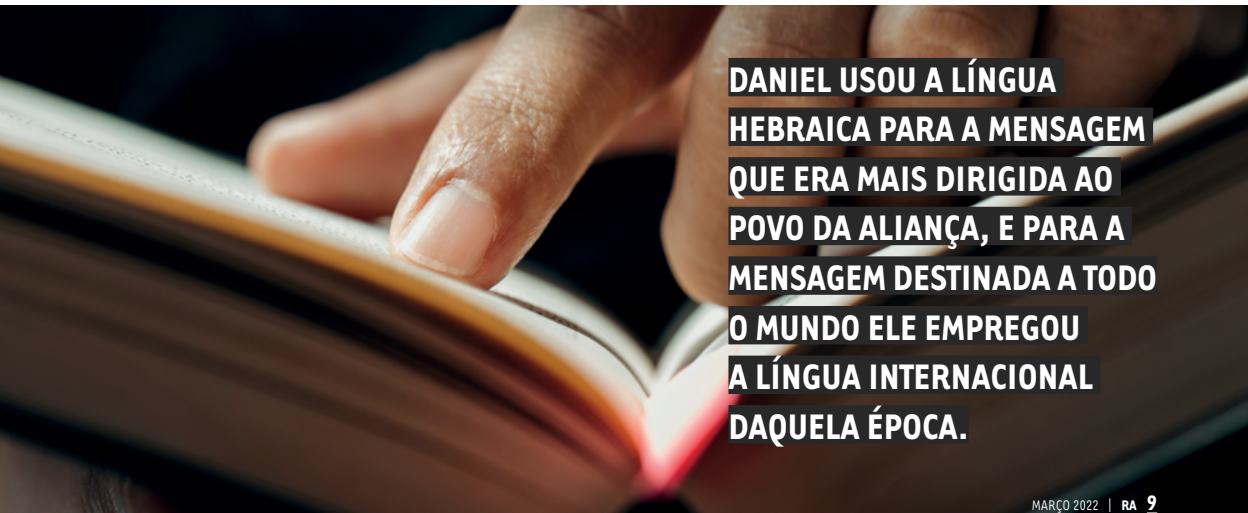
Gostaria de sugerir duas possibilidades. Primeira, dado que Daniel usou as duas línguas ao longo de todo o seu livro, a combinação de duas línguas na última palavra enviaria um sinal aos leitores de que foi apenas um autor que escreveu as duas partes do livro. A palavra final, de certo modo, sublinha a unidade das secções hebraica e aramaica do livro de Daniel.

Segundo, mas não menos importante, o profeta tenta, através da última palavra, proteger os leitores de uma interpretação errada do texto. Se Daniel usasse uma terminação hebraica, como seria normal e espectável, para a palavra hebraica que denota “dias”, isso alteraria grandemente o significado. Interrogamo-nos naturalmente: quando ocorrerá a prometida ressurreição de Daniel? No fim de que dias? Olhando para o contexto de Daniel 12:13, o leitor perceberá rapidamente que o texto imediatamente precedente

(v. 12) se refere à bênção sobre aqueles que alcançarem os 1335 dias. Aqui, para denotar “dias”, Daniel emprega uma palavra hebraica com uma terminação plural também hebraica.

Se, no versículo imediatamente seguinte, Daniel usasse a mesma palavra hebraica com a mesma terminação plural hebraica que usou em Daniel 12:12, o leitor concluiria que a frase que se segue – “no fim dos dias” – apontava para o fim dos 1335 dias. Isso significaria que a ressurreição prometida ocorreria no fim dos 1335 dias. Isso pareceria apoiar aqueles que advogam uma abordagem futurista para a interpretação das profecias escatológicas. Porém, o uso de uma terminação aramaica na palavra hebraica para “dias” diferencia-a dos 1335 “dias”. Também é significativo notar que, no versículo 13, Daniel acrescenta à palavra “dias” um artigo definido, que aponta adicionalmente para o especial “fim” dos dias e apoia uma diferenciação deste em relação aos 1335 “dias”.⁸

Por outro lado, Daniel pode ter escolhido uma terminação aramaica para a palavra hebraica para dirigir a



**DANIEL USOU A LÍNGUA
HEBRAICA PARA A MENSAGEM
QUE ERA MAIS DIRIGIDA AO
POVO DA ALIANÇA, E PARA A
MENSAGEM DESTINADA A TODO
O MUNDO ELE EMPREGOU
A LÍNGUA INTERNACIONAL
DAQUELA ÉPOCA.**

*Se pregarmos numa
língua que não é
bem compreendida e
apresentarmos uma
mensagem que não
é bem entendida,
podemos falhar o alvo.*

nossa atenção para a porção aramaica do livro, tendo em vista uma melhor compreensão da frase final “no fim dos dias”. De facto, em vários casos na porção aramaica do livro, a palavra “dias” aparece na forma masculina plural e enfática, semelhante ao uso em Daniel 12:13 (por exemplo, Daniel 2:28 e 2:44).⁹

O estado enfático em Daniel 2:28 é expresso através de um artigo definido, e, em Daniel 2:44, é expresso através de um sufixo pronominal. O contexto de ambas as passagens refere-se claramente aos “dias” em que o Deus do Céu destruirá todos os reinos terrenos e estabelecerá o Seu Reino, que durará para sempre. Os “dias” de Daniel 2:44 referem-se ao último período dos “últimos dias” de Daniel 2:28.

Significativamente, observamos uma outra ligação entre Daniel 2:44 e Daniel 12:13 através do duplo uso, em Daniel 2:44, do termo-chave para “ressurreição” usado em Daniel 12:13. O termo técnico para “ressurreição” é a palavra hebraica *amad*, que significa “erguer-se”. Assim, parece muito provável que haja, de facto, uma relação entre Daniel 12:13 e Daniel 2:44. Consequentemente, parece evidente

que a frase “o fim dos dias” de Daniel 12:13 não remeta para os 1335 dias de Daniel 12:12, mas aponte para o derradeiro período dos “últimos dias”, nomeadamente, para o período de tempo quando o Senhor do Céu estabelecerá o Seu Reino.

DUAS AUDIÊNCIAS E UMA INTENÇÃO DISTINTA

O uso de duas línguas no livro de Daniel é mais bem explicado como sendo a tentativa de Daniel de falar para duas audiências diferentes. Ele escreveu a mensagem dirigida prioritariamente ao povo de Israel na língua hebraica e a mensagem dirigida a todo o mundo em aramaico, a língua franca daqueles dias. Assim, aprendendo com Daniel, ao pregarmos hoje, devemos considerar aquilo que devemos apresentar primeiro aos que já estão na Igreja e considerar também que mensagem será mais bem entendida pelas pessoas fora da Igreja. Se pregarmos numa língua que não é bem compreendida e apresentarmos uma mensagem que não é bem entendida, poderemos falhar o alvo.

A última palavra no livro de Daniel, que começa com uma forma hebraica, mas termina com um sufixo plural aramaico, é mais bem compreendida como sendo o resultado de uma escolha consciente feita pelo autor. Assim, aquilo que, à primeira vista, parecia ser um erro gramatical, na realidade, depois de cuidadosa consideração de todas as nuances, indica uma decisão deliberada da parte do autor com significativas implicações teológicas. Isto sugere que o livro de Daniel é uma



unidade, sendo a obra de um só autor e, ao mesmo tempo, distingue o evento da ressurreição mencionado em Daniel 12:13 da referência ao período cronológico dos 1335 dias em Daniel 12:12.

Assim, a ressurreição de Daniel ocorrerá não no fim dos 1335 dias mas no tempo em que o Deus do Céu destruir todos os reinos terrenos e estabelecer o Seu Reino, que durará para sempre.

¹ Edwin M. Yamauchi, *Ezra-Nehemiah*, The Expositor's Bible Commentary, vol. 4, ed. Frank E. Gaebelein (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1988), pp. 586 e 587.

² Para visões diferentes, veja-se Anatheia E. Portier-Young, "Languages of Identity and Obligation: Daniel as Bilingual Book", VT 60 (2010), pp. 98-115.

³ Gerhard F. Hasel, "New Light on the Book of Daniel from the Dead Sea Scrolls", *Ministry*, January 1992, pp. 10-13.

⁴ Gerhard F. Hasel, "The Book of Daniel Confirmed by the Dead Sea Scrolls", *Journal of the Adventist Theological Society* 1/2 (1990), p. 43. Veja também J. Paul Tanner, *Daniel*, Evangelical Exegetical Commentary, ed. H. W. House e W. D. Barrick (Bellingham, WA: Lexham Press, 2020), p. 5.

⁵ Gleason Archer, *Daniel*, The Expositor Bible Commentary, vol. 7, ed. Frank E. Gaebelein (Grand Rapids, MI:

Zondervan, 1985), pp. 4-6; Tanner, *Daniel*, pp. 1-5; Jacques B. Doukahn, *Daniel: The Vision of the End* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1987), pp. 3-6; William H. Shea, "Unity of Daniel", in *Symposium on Daniel, Daniel and Revelation Committee Series*, vol. 2, ed. F. B. Holbrook (Washington, DC: Biblical Research Institute, 1986), pp. 165-255.

⁶ Archer, *Daniel*, vol. 7, p. 6. Veja também Tanner, *Daniel*, p. 4.

⁷ Ernst Würthwein, *The Text of the Old Testament: An Introduction to Kittel-Kahle's Biblia Hebraica*, trans. Peter R. Ackroyd (New York, NY: MacMillan, 1957), p. 72.

⁸ Artur A. Stele, "Resurrection in Daniel 12 and Its Contribution to the Theology of the Book of Daniel" (PhD Diss., Andrews University, 1996), pp. 180-182; Bruce William Jones, "Ideas of History in the Book of Daniel" (PhD diss., Graduate Theological Union, Berkeley, 1972), p. 201. Veja também Gerhard Pfandl, "The Time of the End in the Book of Daniel",

Adventist Theological Society Dissertation Series, nº 1 (Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society Publications, 1992), pp. 255, 314.

⁹ Hans Bauer e Pontus Leander, *Grammatik des Biblisch-Aramaischen* (Hildesheim: Olms Verlagbuchhandlung, 1962), p. 84; Hans Bauer e Pontus Leander, *Kurzgefasste Biblisch-Aramaische Grammatik mit Texten und Glossar* (Halle: Max Niemeyer Verlag, 1929), p. 9; Alger F. Johns, *A Short Grammar of Biblical Aramaic*, Andrews University Monographs, nº 1 (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1966), pp. 9 e 10; Stanislav Segert, *Altaramaische Grammatik mit Bibliographie, Chrestomathie und Glossar* (Leipzig: VEB Verlag Enzyklopadie, 1975), pp. 188-192; Franz Rosenthal, *A Grammar of Biblical Aramaic* (Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1974), p. 23.

¹⁰ Stele argumenta que o profeta em Daniel 12:13 apresenta-se como um representante daqueles que passarão pela ressurreição geral. "Resurrection in Daniel 12", pp. 201-212.



Paulo Lima
Editor da Revista Adventista

O SÁBADO NO PENTATEUCO

Do Éden ao Sinai (Parte I)

INTRODUÇÃO

O início da história terrestre do Sábado e da revelação divina sobre o Sábado dá-se no *Pentateuco*, o conjunto dos cinco livros de Moisés que abrem o Antigo Testamento. Logo no início do livro de Gênesis, deparamo-nos com a instituição do Sábado, por Deus, na semana da criação da biosfera da Terra. Em seguida, no livro de Êxodo, é-nos apresentada a observância do Sábado como a substância de um dos Dez Mandamentos proclamados pela voz do próprio Deus e escritos pelo Seu próprio dedo. Deste modo, o Sábado surge, em toda a sua relevância, perante o leitor da revelação condensada nos livros mosaicos que constituem a *Torah*. Assim, não é por acaso que o povo judeu atribuiu ao Sábado um lugar de destaque nos seus dogmas teológicos e nas suas práticas religiosas. No entanto, devemos interrogar-nos: Será que o Sábado foi instituído por Deus tendo em vista ser apenas uma obrigação legal dos Judeus, como defendem muitos teólogos cristãos? Nesta série de dois artigos, iremos estudar de perto a instituição divina do Sábado, tal como Deus a revelou no *Pentateuco*. Assim, defenderemos as quatro teses seguintes:

1. Deus instituiu o Sábado no Éden para benefício do género humano e para ser observado por toda a Humanidade. Ele não foi dado apenas aos Judeus.

2. O mandamento do Sábado já vigorava antes mesmo da sua promulgação pública no Sinai, como mostra o episódio sobre a dádiva do maná.

3. O Quarto Mandamento da Lei de Deus – sobre a observância do Sábado

– promulgado no Sinai é um mandamento moral que vincula toda a Humanidade. Não é um mandamento cerimonial vinculativo apenas para os Judeus.

4. O Sábado foi dado por Deus ao Seu povo como sinal de santificação, sendo por isso determinante para a vida espiritual de todos os crentes no Deus Criador. Isto significa que o Sábado, enquanto sinal de santificação, não se aplica apenas aos Judeus, mas é também aplicável aos Cristãos.

Tendo em vista a comprovação textual destas quatro teses, iremos proceder, em seguida, nesta série de dois artigos, a uma análise hermenêutica de quatro textos da *Torah*. Neste primeiro artigo, estudaremos as perícopes de Gênesis 2:1-3 e de Êxodo 16:22-30. Num segundo artigo, analisaremos os textos de Êxodo 20:8-11 e de Êxodo 31:12-17. Assim, caro Leitor, desafio-o a seguir-me nesta busca pelo sentido teológico do Sábado no *Pentateuco*. As descobertas que faremos juntos serão, certamente, importantes para a conservação da nossa fidelidade à revelada vontade de Deus.

O SÁBADO NO ÉDEN

A primeira menção do Sábado no *Pentateuco* surge logo no início do segundo capítulo do livro de Gênesis. O texto declara: “Assim, pois, foram acabados os céus e a terra e todo o seu exército. E, havendo Deus terminado no dia sétimo a sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a sua obra que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera” (Gênesis 2:1-3, *ARA*).

**A OBRA CRIADORA QUE FOI
REALIZADA NO SÉTIMO DIA
FOI A SOLENE INSTITUIÇÃO
DESSE DIA, O SÁBADO, COMO
DIA SAGRADO E BENDITO,
QUE SERVIRIA COMO
MEMORIAL DA CRIAÇÃO DA
VIDA NA TERRA.**

Esta perícope relata a instituição do Sábado, por Deus, no fim da semana da Criação. O facto de o texto declarar que Deus terminou a Sua obra criativa no sétimo dia, quando nesse dia Ele nada fez, senão repousar, tendo em seguida abençoado e santificado o dia, tem gerado alguma perplexidade entre os comentadores. Na verdade, não há aqui qualquer contradição, pois realmente Deus terminou formalmente a Sua obra criadora ao descansar no sétimo dia e ao abençoar e santificar esse dia. A obra criadora que foi realizada no sétimo dia foi a solene instituição desse dia, o Sábado, como dia sagrado e bendito, que serviria como memorial da criação da vida na Terra. Ao ter sido assim instituído pelo próprio Deus, o Sábado é independente da observância humana. A sua santidade é um facto divinamente instituído, quer o Homem observe o dia ou deixe de o observar. Enquanto elemento culminante da criação da Terra e ápice da semana instituída por Deus, o Sábado surge como uma ordenança cósmica que é tanto uma criação divina como qualquer outra parte da criação realizada nos primeiros seis dias da semana da Criação.¹

Entretanto, alguns comentadores evangélicos argumentam que, embora em Génesis 2:1-3 haja realmente uma referência ao sétimo dia, este não é explicitamente designado “Sábado” e não há a prescrição de um mandamento para a observância humana desse dia. Em resposta a esta objeção, podemos dizer o seguinte: Primeiro, o texto de Génesis 2:2 e 3 refere por três vezes a “obra” criadora que Deus cessou de realizar no sétimo dia. O termo hebraico traduzido como “obra” é *m^elachah*. Este termo significa “trabalho designado” ou “trabalho imposto” e é o termo usado regularmente na Bíblia Hebraica para designar o “trabalho” humano proibido no Sábado (*e.g.*, Êxodo 20:9 e 10; 35:2; Jeremias 17:22, 24). Portanto, temos aqui uma ligação conceptual direta entre a “obra” que Deus cessou de realizar no “sétimo dia” e o “trabalho” que deve cessar no “Sábado”. Assim, podemos dizer com toda a certeza que o termo *m^elachah* foi escolhido deliberadamente para tornar claro que, tal como Deus, o Homem deve descansar da sua “obra” ou do seu “trabalho” no sétimo dia. Ora, esse descanso revela necessariamente que esse dia é o “Sábado”, isto é, o “Descanso” (em hebreu, *shabbâth*).² Segundo, o verbo hebraico que é usado para referir o “descanso” de Deus no sétimo dia é o verbo *shâbath*. O verbo *shâbath* significa “desistir”, “cessar”, “descansar”, mas também “observar o Sábado” (como se pode ver no texto hebraico de Levítico 23:32; 25:2; 26:34; II Crónicas 36:21). Assim, o uso deste verbo não é casual. Trata-se de uma alusão evidente e propositada ao substantivo “Sábado” (*shabbâth*), que

designa o sétimo dia como dia sagrado de descanso. Aliás, o sétimo dia é designado “descanso” (*shabbâth*) precisamente porque Deus “descansou” (*shâbath*) nele.³ Terceiro, existe uma relação de exemplaridade entre o sétimo dia da Criação e o Sábado semanal. Deus deu o exemplo da observância do sétimo dia como dia de descanso, isto é, como “Sábado” (*shabbâth*), para que o Homem – criado à imagem de Deus – imitasse o exemplo do seu Criador. O Homem também deve descansar no sétimo dia – o Sábado – para estar em sintonia espiritual com Deus. O exemplo de Deus confere o significado ao Sábado, pois o Sábado, como dia sagrado, assenta no que Deus fez nesse dia. Ora, o Homem deve fazer como Deus fez. Ao assim proceder, o Homem estará a observar o sétimo dia como “Sábado” (“Descanso”; em hebreu, *shabbâth*).⁴ Quarto, embora o sétimo dia não seja explicitamente designado “Sábado”, é claramente dito que Deus “abençoou” e “santificou” esse dia. Ambos os verbos trazem em si a ideia de seleção e de distinção. Ser abençoado implica ser permanentemente dotado de qualidades benéficas. Neste caso, o sétimo dia deveria ser uma constante fonte de benefício para aqueles que o observam. Ser santo significa ser separado para um uso exclusivo relacionado, de uma forma especial, com Deus. Neste caso, o sétimo dia foi exaltado a um plano acima dos restantes dias para ser o dia de Deus. Note-se que, de todos os dias da primeira semana, o sétimo dia é o único que foi abençoado e santificado. Foi assim distinguido dos restantes dias e posto de parte por Deus para uso san-

to desde o princípio da história da Terra. É significativo que o sétimo dia seja a primeira realidade que é consagrada no relato bíblico, isto é, que adquire o estatuto especial de algo que pertence exclusivamente a Deus. Além disso, o facto de o sétimo dia ter sido abençoado indica que aqueles que o observam como Sábado serão conseqüentemente abençoados. Assim, sendo um dia santo e bendito, o sétimo dia foi separado por Deus de entre os restantes dias da semana para ser, necessariamente, santificado pelo Homem e para que o Homem seja por ele abençoado. O facto

de o sétimo dia não ser nomeado explicitamente “Sábado” em Génesis 2:1-3 não retira nada à sua santidade e à bênção que ele comunica àqueles que o observam.⁵ Quinto, existe uma relação estreita entre o relato de Génesis 2:1-3 e o mandamento de Êxodo 20:8-11 que nos permite concluir que o “sétimo dia” do relato da Criação é o “Sábado” ordenado pela Lei de Deus. De facto, este mandamento identifica claramente o Sábado como sendo o sétimo dia, isto é, como sendo o dia que foi instituído por Deus na semana da Criação, quando Ele descansou nele, o abençoou e o santificou (cf. Êxodo 20:11). Portanto, não pode haver qualquer dúvida de que o sétimo dia da Criação é o Sábado cuja observância é imposta pelo Quarto Mandamento da Lei de Deus. Os cinco argumentos que apresentámos permitem-nos concluir que o sétimo dia em que Deus descansou, e que foi por Ele santificado e abençoado, é precisamente o Sábado, ou seja, o dia sagrado para o qual há um mandamento explícito que impõe a sua observância.

Ora, Moisés, o autor de Génesis, ao descrever a instituição do Sábado no Éden, pretendeu enfatizar o facto de que o carácter santo e bendito do sétimo dia antecede a existência do povo de Israel e que, portanto, ele concerne toda a Humanidade. O Sábado foi declarado santo e bendito milhares de anos antes de ter nascido o primeiro Israelita. Portanto, o Sábado não foi instituído para Israel, mas para a Humanidade. Na verdade, Adão e Eva foram os primeiros observadores humanos do Sábado, pois o primeiro Sábado foi também o primeiro dia

O Sábado foi declarado santo e bendito milhares de anos antes de ter nascido o primeiro Israelita. Portanto, o Sábado não foi instituído para Israel, mas para a Humanidade.

completo vivido por ambos, após a sua criação no sexto dia (Génesis 1:24-31). Também não é por acaso que o termo usado para designar “Deus” nesta perícopes sobre a instituição do Sábado é *Elohim*, nome igualmente utilizado pelas nações gentílicas para designarem Deus. Não é usado aqui o nome *Yahweh*, que caracteriza o Senhor enquanto Deus da Aliança. Foi o Deus Criador (*Elohim*) que instituiu o Sábado no Éden e, assim, o deu à Humanidade.⁶

O SÁBADO NO DESERTO

A segunda aparição do Sábado no *Pentateuco* dá-se no capítulo 16 do livro de Êxodo. O texto diz o seguinte:



“Ao sexto dia, colheram pão em dobro, dois gômeres para cada um; e os principais da congregação vieram e contaram-no a Moisés. Respondeu-lhes ele: Isto é o que disse o SENHOR: Amanhã é repouso, o santo sábado do SENHOR; o que quiserdes cozer no forno, cozei-o, e o que quiserdes cozer em água, cozei-o em água; e tudo o que sobrar separai, guardando para a manhã seguinte. E guardaram-no até pela manhã seguinte, como Moisés ordenara; e não cheirou mal, nem deu bichos. Então disse Moisés: Comei-o hoje, porquanto o sábado é do SENHOR; hoje, não o achareis no campo. Seis dias o colhereis, mas o sétimo dia é o sábado; nele, não haverá. Ao sétimo dia, saíram alguns do povo para o colher, porém não o acharam. Então disse o SENHOR a Moisés: Até quando recusareis guardar os meus mandamentos e as minhas leis? Considerai que o SENHOR vos deu o sábado; por isso, ele, no sexto dia, vos dá pão para dois dias; cada um fique onde está, ninguém saia do seu lugar no sétimo dia. Assim, descansou o povo no sétimo dia” (Êxodo 16:22-30, *ARA*).

Nesta perícopé, que descreve o fenómeno milagroso do maná, ocorre pela primeira vez o termo “Sábado”

(*shabbâth*) na Bíblia Hebraica. O termo surge tanto com o artigo definido hebreu – “o Sábado” (*hashabbâth*) – em Êxodo 16:29, como sem o artigo definido – “um Sábado” (*shabbâth*) – em Êxodo 16:23, 25 e 26. A expressão indefinida “um Sábado” (significando “um repouso”) indica o modo como o sétimo dia se distingue dos restantes dias da semana. A expressão definida “o Sábado” (significando “o Repouso”) destaca o carácter distinto do repouso que deve ocorrer no sétimo dia enquanto memorial do repouso de Deus no sétimo dia da semana da Criação, que resultou na santificação e na benção desse dia.⁷

No episódio da dádiva do maná fica patente que a observância sagrada do Sábado, enquanto “mandamento” e “lei” do Senhor (Êxodo 16:28), *antecede* a promulgação dos Dez Mandamentos por Deus no Sinai (Êxodo 20:1-17). Isto significa que o mandamento do Sábado já vinculava o povo de Deus, antes mesmo de o Senhor ter estabelecido o Seu Concerto com Israel. De facto, a história do maná deixa mesmo perceber que os Israelitas já conheciam o ciclo semanal antes de a Lei ter sido revelada no Sinai, pois Deus instruiu Moisés sobre a prova



semanal a que iria submeter o povo, dando-lhe maná cada dia e dobrando a porção no “sexto dia”, como preparação para o sétimo dia, em que não haveria maná (Êxodo 16:4 e 5). Assim sendo, também o Sábado não seria inteiramente desconhecido do povo. Na verdade, o livro de Gênesis revela que Jacob (posteriormente chamado Israel), o antepassado epônimo dos Israelitas, conhecia o ciclo semanal (cf. Gênesis 29:27 e 28). A ignorância de Israel sobre o Sábado, sublinhada pelas instruções que Moisés teve de dar acerca do assunto, demonstra apenas que os Israelitas tinham perdido de vista o Sábado e o costume da sua observância durante os longos anos de escravidão no Egito. Portanto, podemos concluir que o Sábado não foi dado pela primeira vez aos Israelitas por ocasião da revelação no Sinai ou, sequer, durante o milagre do maná. O mandamento do Sábado foi, sim, renovado e foi reforçado o dever sagrado de o observar. Aliás, a forma como o mandamento foi formulado por Moi-

sés na ocasião – “Seis dias o colhereis, mas o sétimo dia é o sábado” (Êxodo 16:26) – relembra a fórmula que seria usada *posteriormente* por Deus na promulgação do Quarto Mandamento da Lei – “Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus” (Êxodo 20:9 e 10).⁸

O modo como decorre todo o episódio da dádiva do maná mostra também como o repouso do Sábado é um aspeto inerente à própria ordem cósmica criada por Deus. Tal como já ocorria em Gênesis 2:1-3, o Sábado surge como parte da estrutura do Cosmos, não sendo simplesmente um dia especial a observar por Israel. O próprio Deus pedagogicamente repousa da Sua obra no Sábado, ao fazer cessar a dádiva do maná nesse dia. Assim, o repouso de Israel no Sábado está fundado nesta realidade objetiva da organização semanal do tempo terrestre, por parte de Deus, desde a semana da Criação (cf. Gênesis 2:1-3; Êxodo 20:11; e 31:17).⁹

**O MANDAMENTO DO SÁBADO
FOI, SIM, RENOVADO E
FOI REFORÇADO O DEVER
SAGRADO DE O OBSERVAR.**

Portanto, podemos concluir da nossa análise do episódio da dádiva do maná, com segurança, que o mandamento do Sábado já vigorava antes mesmo da sua promulgação no Sinai e, assim, antes mesmo da realização da Aliança entre Deus e o povo de Israel. Isto significa que o mandamento do Sábado não depende estritamente da Aliança entre Deus e Israel. O Sábado não é meramente uma instituição judaica.

CONCLUSÃO

Terminamos aqui o primeiro artigo desta série de dois artigos sobre o Sábado no *Pentateuco*. Podemos concluir que ficou textualmente demonstrada a correção das duas primeiras teses que pretendemos sustentar nestes artigos.

Efetivamente, a nossa primeira tese foi verificada, pois a perícopes de Génesis 2:1-3 revela claramente que Deus procedeu à instituição formal do Sábado no Éden, tendo em vista o benefício do género humano. O Sábado foi instituído para ser observado por toda a Humanidade.

Portanto, ele não é uma instituição legal peculiar do Judaísmo.

A nossa segunda tese também foi vindicada, dado que a perícopes de Êxodo 16:22-30 nos mostra com clareza que o mandamento moral do Sábado já vigorava antes mesmo da sua promulgação no Sinai. Com efeito, o episódio da dádiva divina do maná assim o revela.

No próximo artigo, iremos analisar as perícopes de Êxodo 20:8-11 e de Êxodo 31:12-17, para comprovarmos as duas teses anunciadas na introdução deste artigo que ficaram por demonstrar. Primeira, de que o mandamento sobre o Sábado promulgado no Sinai é um mandamento moral que vincula toda a Humanidade. Não se trata, pois, de um mandamento cerimonial que vincule apenas os Judeus. Segunda, de que o Sábado foi oferecido por Deus ao Seu povo como sinal de santificação, o que o torna crucial para a vida espiritual de todos os verdadeiros crentes no Deus Criador, tanto Judeus, como Cristãos.

1

John Skinner, *A Critical and Exegetical Commentary on Genesis*, 2nd ed., Edinburgh: T. & T. Clark, 1963, p. 35. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 1978, vol. 1, p. 220.

2

S. R. Driver, *The Book of Genesis*, London: Methuen & Co, 1948, p. 18. Gordon J. Wenham, *Genesis 1-15* (Word Biblical Commentary, vol. 1), Waco, TX: Word Books, 1987, p. 35.

3

S. R. Driver, *The Book of Genesis*, p. 18. Gordon J. Wenham, *Genesis 1-15*, p. 35.

4

S. R. Driver, *The Book of Genesis*, p. 18. Gordon J. Wenham, *Genesis 1-15*, p. 36. Umberto Cassuto, *A Commentary*

on the Book of Genesis, trad. por Israel Abrahams, Jerusalem: The Magness Press, 1989, vol. 1, p. 64. Sherrill G. Stevens, *Genesis* (Layman's Bible Book Commentary, vol. 1), Nashville, Tenn.: Broadman Press, 1978, p. 21.

5

S. R. Driver, *The Book of Genesis*, p. 18. Gordon J. Wenham, *Genesis 1-15*, p. 36. Jacques B. Doukhan, *Genesis* (Seventh-day Adventist International Bible Commentary, vol. 1), Nampa, Ida.: Pacific Press, 2016, pp. 70 e 71.

6

Umberto Cassuto, *A Commentary on the Book of Genesis*, vol. 1, p. 64. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 1, p. 221.

7

Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*,

vol. 1, pp. 580 e 581. Martin Noth, *Exodus: A Commentary*, trad. J. S. Bowden, London: SCM Press, 1962, p. 135. Frank Michaeli, *Le Livre de l'Exode*, Neuchâtel: Delachaux & Niestlé, 1974, p. 147.

8

Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 1, pp. 580 e 581. Terence E. Fretheim, *Exodus* (Interpretation), Louisville: John Knox Press, 1991, p. 185. Frank Michaeli, *Le Livre de l'Exode*, p. 147. Robert L. Cate, *Exodus* (Layman's Bible Commentary, vol. 2), Nashville, Tenn.: Broadman Press, 1979, p. 80.

9

Terence E. Fretheim, *Exodus*, p. 185. Umberto Cassuto, *A Commentary on the Book of Exodus*, trad. Israel Abrahams, Jerusalem: The Magness Press, 1967, p. 198.

É PEDRO A PEDRA SOBRE A QUAL JESUS EDIFICOU A IGREJA?

“Pois, também, eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mateus 16:18).

Desde, pelo menos, a época do Papa Leão I (no quinto século) que este texto tem sido usado pelos Católicos Romanos para sustentar a pretensão de que Cristo fez de Pedro o chefe da Igreja, de que Pedro foi o primeiro Bispo de Roma e de que o Papa, enquanto seu sucessor, é o líder divinamente indicado da Igreja Cristã. Mas, se Jesus não está a dizer a Pedro que a Igreja Cristã será construída sobre ele, o que está então Ele a dizer?

O CONTEXTO HISTÓRICO

Jesus fez esta declaração a Pedro quando Ele e os Seus discípulos estavam na região de Cesareia de Filipe. O Senhor perguntou aos Seus discípulos sobre

Quem diziam as pessoas ser o Filho do homem. Eles responderam citando nomes como os de João Batista, de Elias, de Jeremias ou de outros profetas. Depois, Jesus colocou a questão fulcral: “E vós, quem dizeis que eu sou?” (Mateus 16:15.) Pedro respondeu com uma resposta clara: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.” Jesus abençoou Pedro por ter dado esta resposta, fazendo notar que ela era uma revelação vinda do Seu Pai Celestial, e depois pronunciou a declaração de Mateus 16:18, que citamos no início deste artigo.

UM JOGO DE PALAVRAS

De modo a compreendermos este texto, é importante reconhecer que



Tom Sheperd
Teólogo

Retirado de Gerhard Pfandl (ed.), Interpreting Scripture, pp. 273-276.

contém um jogo de palavras – um trocadilho – e que alude a palavras proferidas anteriormente. Primeiro, consideremos o trocadilho. O nome “Pedro”, em grego, é *petros*. Nós obtemos o nome português “Pedro” de uma transliteração direta do grego. Mas há outra palavra grega neste versículo – *petra* – que significa “pedra” ou “rocha”.¹ Portanto, o jogo de palavras é o seguinte: “Tu és Pedro (*petros*) e sobre esta pedra/rocha (*petra*) eu edificarei a minha Igreja.” Mas o que é a *petra* sobre a qual Jesus edificou a Igreja?

O SIGNIFICADO DE *PETRA*

A palavra *petra* é usada 15 vezes no Novo Testamento e é muito instrutivo

compreender o modo como Jesus e os autores do Novo Testamento usam o termo. *Petra* é usada para referir uma pedra/rocha que serve de fundamento suficientemente forte para proteger da tempestade uma casa construída sobre ela (Mateus 7:24; Lucas 6:48). É o termo usado para denotar as rochas que foram fendidas durante o terremoto ocorrido por altura da morte de Jesus (Mateus 27:51) e para denotar a rocha onde estava escavado o túmulo em que o Senhor jazeu durante três dias (Mateus 27:60; Marcos 15:46). É a palavra usada para referir o chão pedregoso onde não havia suficiente solo para as sementes crescerem (Lucas 8:6, 13) e é o termo que designa a pe-

**A IGREJA ESTÁ FUNDADA
SOBRE JESUS CRISTO. A SUA
GRAÇA E O SEU PERDÃO
EXPRESSOS NA CRUZ SÃO A
FONTE DA SUA EXISTÊNCIA.
O SEU SUMO-SACERDÓCIO
É A GARANTIA DA SUA
ACEITAÇÃO POR PARTE DE
DEUS E A SUA PROMESSA DE
QUE REGRESSARÁ É A VISÃO
DO SEU DESTINO.**

dra de tropeço em que Israel tropeçou ao não aceitar Jesus como o Messias (Romanos 9:33; I Pedro 2:8). *Petra* é usada para designar a pedra de onde Israel bebeu no deserto (I Coríntios 10:4) e para referir a pedra de esquina da Igreja (I Pedro 2:7). É o termo usado em paralelo com “montanhas” para referir o lugar em que os ímpios se escondem por altura da Segunda Vinda de Cristo (Apocalipse 6:15 e 16).

Várias características de *petra* tornam-se evidentes depois desta visão panorâmica sobre o modo como o termo é usado no Novo Testamento. Enquanto termo literal, *petra* refere-se geralmente a pedras/rochas grandes e estáveis, que ou são capazes de suportar um grande peso ou pertencem mesmo a uma montanha (como é o caso da rocha do túmulo do Senhor, das rochas que se fenderam ou das montanhas e rochas citadas em Apocalipse 6).

No entanto, vários usos da palavra *petra* são claramente simbólicos, o que

significa que o termo representa outra coisa. Na parábola do semeador, Jesus usa diversos tipos de solo – nomeadamente o solo pedregoso – para simbolizar diferentes tipos de pessoas e a sua resposta ao Evangelho (Lucas 8:4-8). Outros usos simbólicos incluem a referência à casa edificada sobre a rocha (Mateus 7:24-27; Lucas 6:47-49), a pedra de tropeço e de esquina (Romanos 9:33; I Pedro 2:7 e 8) e a rocha espiritual de que Israel bebeu no deserto (I Coríntios 10:4) – sendo que todos estes usos simbólicos de *petra* por parte dos autores do Novo Testamento se aplicam a Cristo.

O USO SIMBÓLICO DE PETRA

Mateus 16:18 é um caso em que Jesus usa *petra* simbolicamente, porque é bastante claro que Ele não se está a referir a uma grande pedra fundamental sobre a qual Ele queria edificar a estrutura de uma Igreja literal. A questão que se coloca é a seguinte: A que se refere o símbolo *petra*? O jogo de palavras e a alusão às palavras anteriores ajudam a interpretar o termo. *Petros* e *petra* são as formas masculina e feminina do mesmo conceito. Embora Jesus tenha provavelmente proferido a Sua observação em aramaico e a palavra para ambos os casos fosse a mesma (*kepha*), Mateus utiliza a distinção em grego para explicar de modo não ambíguo o que Jesus queria dizer. Em resposta a Pedro, Jesus diz: “Tu és Pedro [*petros*] e sobre esta pedra [*petra*] eu edificarei a minha Igreja.” Queria Jesus dizer que Pedro é a pedra em que a Igreja seria fundada? É improvável que fosse esse o sentido, por duas razões. Primeiro, Pedro foi vencido por Satanás pouco depois da



sua confissão de fé (veja Mateus 16:23), e, mais tarde, quando negou Jesus três vezes durante o Seu julgamento (veja Mateus 27:69-75). Se Pedro fosse a *petra*, então as palavras proféticas de Jesus não se teriam cumprido. Foi necessário que Jesus o voltasse a empossar como discípulo para Pedro retornar ao ministério (veja João 21). Segundo, que Pedro não é a *petra* é confirmado por três outros usos simbólicos do termo *petra* no Novo Testamento, os quais se referem, todos, a Cristo, como vimos antes. É instrutivo que o próprio Pedro, ao fazer uso do símbolo da rocha/pedra (*petra*), liga este símbolo a Jesus, não a si mesmo (veja I Pedro 2:7 e 8). Também é útil notar que, no Antigo Testamento, a palavra “rocha” é frequentemente usada como metáfora para designar Deus (e.g., Deuterônimo 32:15; II Samuel 22:2; Salmo 18:2).

CONCLUSÃO

Se a Igreja Cristã tivesse sido fundada sobre um dos discípulos ou sobre uma simples confissão humana, teríamos todas as dificuldades e inconsistências do falhanço, do pecado e da fraqueza humanos na sua fundação. A visão da Igreja sobre o seu destino alcançaria apenas a altura que a intuição humana pudesse alcançar. Contudo, não é assim. A Igreja está fundada sobre Jesus Cristo. A Sua graça e o Seu perdão expressos na cruz são a fonte da sua existência. O Seu Sumo-Sacerdócio é a garantia da sua aceitação por parte de Deus e a Sua promessa de que regressará é a visão do seu destino.

¹
F. W. Danker, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3rd ed. (Chicago, IL: University of Chicago Press, 2000), s. v. *petra*.



—
Karen Holford

Psicóloga

*Retirado da revista Signs of
the Times de abril de 2011.*

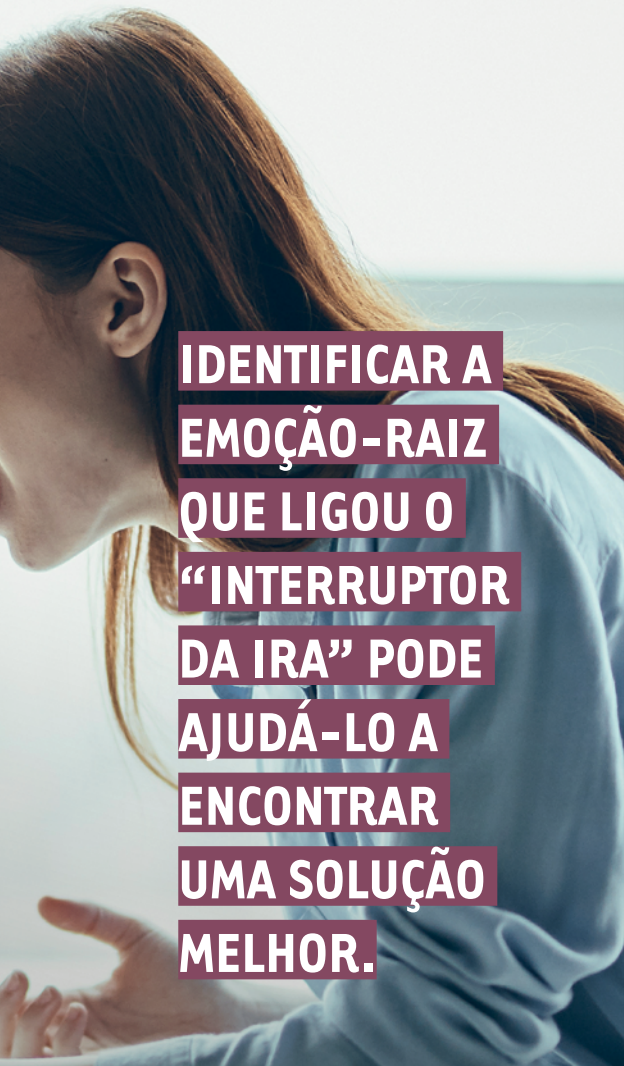


DEZ DICAS PARA SE DOMINAR UM MAU TEMPERAMENTO

Entrei no escritório do meu novo patrão. Durante vários anos, eu tinha tentado gerir um trabalho a tempo inteiro em horário de tempo parcial, completar o meu Mestrado, apoiar o meu marido na sua carreira e dirigir um lar frenético integrado por três crianças. No mês anterior, uma amiga morrerá trágica e inesperadamente, e, na semana que passara, tinham surgido várias crises importantes no trabalho e na família. O meu sono tinha sido seriamente per-

turbado e o equilíbrio entre o meu trabalho e a minha vida estava tão mal que tinha ido além das marcas.

Eu apenas queria perguntar ao meu patrão se ele podia distribuir a minha carga de trabalho, encontrar alguém que me ajudasse ou permitir que usasse o tempo extra já despendido para fazer uma pausa durante duas semanas. Mas o meu intenso cansaço, o meu desespero por causa de toda a situação e o trauma sofrido nos últi-



**IDENTIFICAR A
EMOÇÃO-RAIZ
QUE LIGOU O
“INTERRUPTOR
DA IRA” PODE
AJUDÁ-LO A
ENCONTRAR
UMA SOLUÇÃO
MELHOR.**

mos dias dominaram-me. Logo que comecei a falar, senti na minha cabeça a pressão dolorosa de um milhão de lágrimas por derramar. Tentei conter a minha tristeza interior, pelo que, em vez de chorar, toda aquela dor precipitou-se para fora num amontoado de queixas caótico e irado que acabou empilhado na secretária do meu desafortunado patrão.

Como pode imaginar, esta explosão não me ajudou, nem ajudou a minha causa. Numa escala de um a dez,

com dez a representar os momentos bonitos que eu gostaria de entesourar, consideraria que este acontecimento teria uma pontuação negativa de menos sete. Embora eu não possa fazer voltar para trás este episódio particular, depois de uma boa noite de sono e da luz refrescante de uma nova aurora, comecei a pensar no que tinha acontecido e qual poderia ter sido a melhor abordagem. E aprendi algumas coisas sobre mim com esta reflexão, que, se conter a ira é um problema para si como para mim, poderão ajudá-lo a controlar-se melhor.

1. CAVE AO REDOR DAS RAÍZES

Um dos segredos para se gerir a ira é “cavar” o solo da sua mente e descobrir a sua causa real. Sob a ira existe frequentemente escondida outra emoção forte. Poderá ser o desapontamento, por causa de uma esperança que foi destruída, impedindo-o de alcançar os seus objetivos; tristeza, porque perdeu algo importante para si; ou frustração, quando se sente pressionado ou stressado e acha difícil expressar-se. Ou poderá ser que estava com muito medo ou envergonhado. É fácil irarmo-nos tão rapidamente que nem temos tempo para pensar em qual poderá ser o sentimento na raiz desse comportamento, pelo que é importante abrandar e perguntarmo-nos o que realmente se está a passar na nossa mente.

No entanto, tenha presente que a ira não é algo mau. Alguma da minha ira estava focada na minha autoproteção e destinava-se a impedir-me de experimentar mais stresse que eu não conseguiria gerir. A ira também

nos pode proteger do mal e do perigo, dando-nos energia para enfrentarmos as situações e lutar, fugir ou salvar outra pessoa do mal, particularmente se vemos uma injustiça. A ira só se torna perigosa quando nos fere e quando fere as pessoas ao nosso redor.

Identificar a emoção-raiz que ligou o “interruptor da ira” pode ajudá-lo a encontrar uma solução melhor. Se eu tivesse tomado tempo para lidar com a minha tristeza e com a minha fadiga, poderia ter dito simplesmente ao meu patrão: “A minha mente e o meu corpo estão a tentar dizer-me que estou sobrecarregada, pelo que gostaria de perguntar se alguém poderia dar-me uma ajuda no meu trabalho ou se poderia tirar algum tempo de folga durante uma semana.” Isto teria sido mais simples e teria montado o palco para uma relação de trabalho melhor e mais profissional.

2. FAÇA UMA PAUSA

Emoções como a ira podem descontrolar-se e levar a um comportamento efetivo antes de termos tempo de perceber o que está a acontecer. Quando

**PERGUNTE-SE SE
ISSO TERÁ ALGUMA
IMPORTÂNCIA DENTRO
DE UM MÊS. A QUESTÃO
MERECE QUE SE
ARRISQUE A PROVOCAR
UM SÉRIO DANO À
VOSSA RELAÇÃO?**

senti o nível da minha ira subir, teria sido bom para mim abrandar, fazer uma visita ao dispensador de água fria e tomar um momento para refletir. A abordagem de contar até dez poderia ter ajudado, mas, ainda assim, teria apenas atrasado a tempestade da minha ira, se eu não tivesse usado o tempo para pensar cuidadosamente sobre o que estava a acontecer e para planear uma conversa mais construtiva.

Quando se acalmar e refletir, pergunte-se o que poderia ter feito de diferente para tornar melhor a situação. Pense em cada pessoa envolvida no conflito e nas respetivas necessidades, esperanças e respetivos objetivos. Quando senti a ira subir pelo meu corpo, poderia ter dito ao meu patrão: “Na verdade, agora penso que os meus sentimentos são fortes de mais para discutir isto de forma apropriada. Preciso de fazer uma pausa para pensar melhor sobre o assunto. Voltarei a falar consigo amanhã.” Eu poderia ter ido dar um passeio ou ter feito uma limpeza à minha casa para libertar alguma adrenalina e, depois, ter apontado alguns pensamentos úteis numa folha de papel. Isto ter-me-ia dado um roteiro a seguir na próxima vez que falasse com o meu patrão.

3. ALTERE A SUA PERSPETIVA

Descubra outro modo de ver a situação que o está a irar. Pergunte-se se isso terá alguma importância dentro de um mês. A questão merece que se arrisque a provocar um sério dano à vossa relação? Haverá algum modo de pensar neste acontecimento de tal forma que ele não o impeça de alcançar os seus objetivos? Por exemplo (e eu



compreendo que isto possa ser difícil para algumas pessoas), em vez de ver o condutor lento diante de mim como responsável por eu chegar tarde, tento pensar nele como protegendo-me de apanhar uma multa por excesso de velocidade ou impedindo-me de me envolver num acidente.

4. TRANSFORME QUEIXAS EM PEDIDOS DE AJUDA

Em vez de se queixar, transforme as suas esperanças num pedido claro de auxílio. Tente dizer o seguinte:

“Nesta situação específica, _____. Quando _____ acontece, eu sinto _____, e ajudar-me-ia bastante, se tu pudesses _____, de forma que eu te possa ajudar a _____.”

Por exemplo, poderá dizer: “Quando eu encontro o teu equipamento de futebol enlameado no chão da casa-de-banho, sinto-me frustrada

e desrespeitada. Ajudar-me-ia bastante, se pudesses colocar essas roupas sujas no armário da roupa suja depois do jogo, para que eu possa lavá-las a tempo do teu próximo jogo.”

O segredo aqui é declarar o seu pedido de um modo que a outra pessoa possa sentir-se motivada a ajudar, em vez de se sentir culpada. Lembre-se: evite culpar a outra pessoa.

5. FAÇA MAIS PERGUNTAS

Já se sentiu tentado a dizer “Tu sempre...”; “Tu nunca...”; “É culpa tua”? Quando as pessoas ouvem estas palavras, elas sentem-se incompreendidas, julgadas ou diminuídas, pelo que é mais provável que saltem em sua defesa retaliando com um contra-ataque de justificação própria e de culpabilização do outro.

Em vez de culpar e julgar outros, peça mais informação: “Diz-me o que isto significa para ti.” “Porque gostas de

fazer isto assim?” “Porque achas isto tão importante?” Ou “Parece-me que estou a tornar esta situação pior ainda. Por favor, diz-me como posso tornar as coisas mais fáceis para ti.” Ou poderá dizer: “Parece que estás bastante aborrecido [zangado, frustrado, stressado] por causa do que eu disse. Lamento muito. Como posso ser mais útil [considerado, sensível] da próxima vez?”

6. PARTILHE O PROBLEMA

Em vez de pensar num problema como sendo inteiramente culpa sua ou culpa da outra pessoa, pense no desafio como algo que partilham. “É importante que resolvamos isto. Se o fizermos bem, então [mencione algo positivo] poderá acontecer. Como é que poderemos pôr a cabeça a pensar sobre isto, de modo a descobrirmos a melhor solução?”

Usar a palavra “nós” em vez de “tu” torna-o igualmente responsável e sugere que quer trabalhar em parceria com a outra pessoa de um modo positivo. Convidar as pessoas a partilharem primeiro os seus pensamentos demonstra respeito. Então poderá partilhar as suas preocupações e as suas ideias e podem procurar avançar juntos de um modo que inclua o vosso pensamento criativo combinado.

7. CONCORDE SOBRE ALGO.

Eu costumava interrogar-me acerca da razão por que algumas pessoas eram descritas como sendo desagradáveis. E então encontrei uma pessoa que discordava de quase tudo o que eu dizia, mesmo quando eu concordava com ela! Passei de calma a frustrada e de frustrada a irada, em cerca de três minutos.

“Sê bondoso com todas as pessoas que encontras, porque não sabes que tipo de dia elas estão a ter.”

Quando as pessoas discordam de nós, os nossos níveis de ansiedade podem escalar até atingirem proporções esmagadoras. Procure pontos na conversa em que possa concordar e foque-se neles. “Realmente gosto das tuas ideias sobre.... Diz-me como as descobriste.”

8. SEJA GRATO

A gratidão ajuda a baixar os níveis de ansiedade de toda a gente e apazigua uma conversa como se fosse uma massagem com óleo em costas doloridas. É mais fácil termos sentimentos positivos para com pessoas que têm sentimentos positivos para connosco. Tente achar pelo menos uma coisa que possa apreciar genuinamente na outra pessoa quando sente que se aproxima um conflito. Por exemplo, eu poderia ter dito ao meu patrão: “Já agora, sinto-me realmente grata pelo modo como me apoiou no meu novo projeto na recente reunião do conselho de gestão.”

9. SEJA BONDOSO

Quando as outras pessoas nos desconsideram ou nos magoam, podemos acabar por nos sentir mais frustrados, tristes, desapontados e desencorajados. Por vezes, retaliamos ou ficamos à defesa para nos protegermos e evitarmos ser de novo feridos. Isto pode levar a que ambas as partes se ataquem de tal

modo que venham a arrepender-se mais tarde.

Um amigo meu tem um chaveiro que diz: “Sê bondoso com todas as pessoas que encontras, porque não sabes que tipo de dia elas estão a ter.” A pessoa desastrada está a aguardar uma cirurgia às mãos e necessita da sua paciência. O homem que gritou consigo por ter pegado no último pacote de cereais à venda acabou de perder o trabalho e teme não poder sustentar a sua família. Se eu tivesse dito ao meu patrão aquilo por que tinha passado no último mês, ele provavelmente teria compreendido a minha situação stressante, teria sido simpático e estaria mais disponível para chegar a um acordo. Ou eu poderia ter-lhe oferecido uma bebida quente depois da nossa reunião, para mostrar que também estava preocupada com os seus níveis de stress.

10. PEÇA DESCULPA

A ira pode prejudicar e destruir qualquer relacionamento. Quando a sua ira provocou estragos, tente arranjar tudo e resolver as coisas logo que possa. Um simples pedido de desculpas e uma oferta previdente podem fazer muito para reparar os estragos, especialmente quando as outras pessoas puderem ver que está genuinamente interessado em controlar a sua ira no futuro.

A ira é uma reação normal, um dom que Deus nos deu para que nos possamos proteger e proteger outros de qualquer abuso. Não quereríamos ficar sem ela. Mas ela também é algo muito poderoso e pode facilmente escapar ao nosso controlo. Por isso, a minha sugestão final é que peça a Deus para o ajudar a reconhecer a sua ira e a lidar com ela de modo apropriado.



Susie Hamu
Médica Missionária

Retirado da Adventist Review de fevereiro de 2021.

O QUE ESTÁ SOB O TAPETE?

Eu queria oferecer-lhe uma Bíblia, mas parecia um esforço fútil. “Deus, o que posso fazer?”, orei silenciosamente.

A luz quente da manhã derramava-se no corredor do nosso pequeno hospital missionário de montanha. “Que maravilhoso dia está diante de mim!”, pensei, ao olhar para o céu azul brilhante que alcançava as árvores de folha perene e a erva ainda adornada com as joias do orvalho matinal.

“Irmã”, um homem vindo do deserto quebrou o silêncio ao dirigir-se a

mim. “Estou tão contente que esteja a cuidar da minha mulher. Ela está muito melhor. Mas eu quero que ela fique mais uma semana, para que possa descansar bem.”

“Não há problema”, respondi. “Faremos tudo o que pudermos para que ela possa ter uma estadia agradável.”

“Ah, sim, posso mostrar-lhe um livro maravilhoso?”, perguntei ao cami-

nharmos em direção ao meu escritório, onde eu tinha várias Bíblias em árabe. Peguei numa e mostrei-lhe que nela havia histórias sobre Moisés e David, e Salmos escritos por David, personagens que os Muçulmanos apreciam.

O meu amigo recuou, inquieto, enquanto abanava a cabeça. “Não quero. Eu tenho o Corão, o mais sagrado de todos os livros”, declarou ele simpaticamente.

“Eu apenas queria dar-lhe um exemplar gratuito. Sinta-se à vontade para pedir um, se quiser.” “Obrigado, mas eu vou deixá-lo para outra pessoa.” Ele inclinou-se ao dizer “*Salam*”.

Tínhamos 25 Bíblias em árabe na nossa prateleira há meses. Nem uma tinha sido aceite por alguém! “Senhor”, orei, “por favor, mostra-nos como podemos fazer com que as pessoas aceitem as Bíblias”.

MAIS DO QUE UM PRESENTE

Na manhã seguinte, estava outro dia luminoso. Mais uma vez, estava eu a percorrer o corredor, quando se aproximou um homem. “O médico diz que posso levar a minha mulher para casa hoje”, disse ele com um sorriso. “Sim”, respondi, “Deus ouviu as nossas orações”.

Eu queria oferecer-lhe uma Bíblia, mas parecia um esforço fútil. “Deus, o que posso fazer?”, orei silenciosamente. Depois lembrei-me de que alguém me tinha dito que os Muçulmanos (pelo menos, nalguns lugares) não recusam presentes, se o doador escrever o nome do recetor neles, juntamente com o seu próprio nome.

“Espere um minuto”, pedi eu. “Quero dar-lhe um pequeno presente

para se lembrar de mim.” Entrei no escritório e trouxe uma Bíblia. “Este é um livro sagrado em árabe”, disse eu. “Se tiver a bondade de me deixar usar a sua caneta, eu escreverei o seu nome nele.”

Ele sorriu, tirou a caneta do seu bolso e passou-ma. “Poderia ter a bondade de soletrar o seu nome, para que o possa escrever corretamente?”, perguntei. Eu escrevi-o, juntamente com uma breve mensagem. Depois assinei o meu nome e entreguei-lhe o livro juntamente com a caneta. “Ore sempre a Deus antes de o ler. Descobrirá que Ele lhe irá falar ao coração”, disse eu.

Ele agarrou a Bíblia com as duas mãos e colocou-a junto ao coração ao inclinar-se para me agradecer. “Que Alá lhe possa dar a paz”, disse.

Rapidamente pôs-se a caminho do seu lar no deserto, juntamente com a sua esposa – e com uma Bíblia.

Dali em diante, passei a usar esta abordagem simples. Nunca mais ninguém recusou aceitar o meu presente. Tornou-se no meu projeto missionário especial e num projeto realmente emocionante.

CONVERSAS SUSSURRADAS

Avancemos dois anos. Eu estava no deserto com dois alunos. Estávamos a vender livros sobre saúde nas pequenas lojas que formavam um quadrado ao redor de uma praça poeirenta não pavimentada, onde camelos com os seus fardos iam e vinham. O calor intenso parecia governar o número de pessoas que entravam e saíam das lojas.

Eu e um dos meus alunos entrámos numa loja, onde explicámos ao dono que queríamos comprar um livro

com as páginas em branco para servir de diário. “Lamento, não temos aquilo que procura”, disse o homem. Agradecemos e virámo-nos em direção à porta, para sairmos. Ele seguiu-nos até à porta. “Quero falar com ela”, segredou ele ao aluno que servia de meu tradutor. “Vamos afastar-nos destas pessoas.”

“Por favor, não diga a ninguém o que lhe vou contar, irmã”, começou o homem. “Lembra-se de mim, quando estive no seu hospital?” Eu não me lembrava. Já tinham passado tantos doentes por mim. “Deu-me um livro preto. Eu enterrei-o no chão junto à minha cama. Está coberto por um pequeno tapete. A meio da noite, quando sei que a minha família está a dormir, eu tiro-o para fora, desembrulho-o e leio-o com a minha lanterna. É um livro maravilhoso! Eu leio-o todas as noites. Por favor, não conte isto a ninguém”, pediu ele enfaticamente. “Ninguém pode saber do meu segredo.”

“Obrigado por me contar”, disse eu baixinho. “Eu sei que Deus lhe está a dar paz.” Apertámos as mãos e despedimo-nos, depois de eu lhe garantir que guardaria o seu segredo.

Eu e o meu aluno dirigimo-nos à loja seguinte. Quando saímos, o dono seguiu-nos até à porta. Quando lhe agradei, ele segredou ao meu tradutor: “Por favor, tenho de ir para um lugar privado para falar com a irmã.” Encontrámos um lugar numa esquina do edifício construído com tijolos de barro.

Ouvi-o então sussurrar: “Por favor, não conte a ninguém. Deu-me um livro preto. Eu enterrei-o ao lado da minha cama. Eu conservo-o coberto com um pequeno tapete. Quando

Será que os anjos mantinham adormecidas as famílias de cada um deles para que estes homens pudessem pesquisar em busca da verdade?

a minha família está a dormir, leio-o com a minha lanterna. Todas as noites ele alegre o meu coração.”

Eu e o meu aluno dirigimo-nos para a loja seguinte. O dono seguiu-nos até à porta e segredou: “Por favor, temos de ir para um lugar privado.” Era a mesma história! “Ninguém sabe o que estou a fazer, exceto Alá e você”, disse o homem.

UMA TESTEMUNHA SILENCIOSA

Naquela noite, estendi-me na minha cama olhando para as estrelas. Os meus pensamentos vaguearam até se fixarem em três lares humildes construídos com tijolos de barro, onde anjos gostavam de explicar a Bíblia a três homens que retiravam do chão os seus preciosos exemplares da Palavra de Deus.

Será que os anjos mantinham adormecidas as famílias de cada um deles para que estes homens pudessem pesquisar em busca da verdade? Será que estes mesmos anjos impediam os membros da família mais curiosos de perguntarem: “O que será que está de baixo do tapete?”

Por razões de segurança, o nome Susie Hamu é um pseudónimo.



“Pouca atenção é dada à Bíblia, e o Senhor deu uma luz menor para guiar homens e mulheres à luz maior.” – EGW, Evangelismo, p. 257.

LER, ESTUDAR E COMPREENDER DANIEL

“Leiam o livro de Daniel. Recordem, em pormenor, a história dos reinos representados ali. [...] A luz que Daniel recebeu diretamente de Deus foi especialmente dada para estes últimos dias. As visões que ele viu nas margens do Ulai e do Hidequel, os grandes rios de Sinar, estão agora em processo de cumprimento, e todos os eventos preditos em breve acontecerão.”¹

“Há necessidade de um estudo mais profundo da Palavra de Deus; especialmente Daniel e Apocalipse devem merecer atenção, como nunca antes na nossa História.”²

“O tempo é breve. Os perigos dos últimos dias estão diante de nós e devemos vigiar e orar, estudar e prestar atenção às lições que nos são dadas nos livros de Daniel e de Apocalipse.”³

“Ao nos aproximarmos do fim da história deste mundo, as profecias registradas por Daniel exigem a nossa especial atenção, visto relacionarem-se com o próprio tempo que estamos a viver. Com elas devem-se ligar os ensinamentos do último livro das Escrituras do Novo Testamento. Satanás tem levado muita gente a crer que as partes proféticas dos escritos de Daniel e de João, o revelador, não podem ser compreendidas. Mas a promessa é clara de que uma bênção especial acom-

panhará o estudo dessas profecias. ‘Os sábios entenderão’ (Dan. 12:10), foi dito com respeito às visões de Daniel que deviam ser abertas nos últimos dias. E da revelação que Cristo deu ao Seu servo João para guia do povo de Deus através dos séculos, a promessa é: ‘Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas’ (Apoc. 1:3).

“Do surgimento e da queda das nações, conforme foram expostos nos livros de Daniel e de Apocalipse, precisamos de aprender como a glória meramente terrena e externa não tem valor. [...] Um cuidadoso estudo da ação do propósito de Deus na história das nações e na revelação das coisas por acontecer ajudar-nos-á a ter no seu verdadeiro valor as coisas visíveis e invisíveis, e a aprender qual é o verdadeiro objetivo da vida. Assim, considerando os acontecimentos do tempo à luz da eternidade, podemos, como Daniel e os seus companheiros, viver pelo que é verdadeiro, nobre e perdurável. E, aprendendo nesta vida os princípios do Reino do nosso Senhor e Salvador, esse abençoado Reino que deve durar para todo o sempre, podemos estar preparados, quando for a Sua vinda, para entrar com Ele na posse desse Reino.”⁴

[1] Carta 57, 1896, citado no SDABC, vol. 7-A, p. 176.

[2] *Evangelism*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 1946, p. 577.

[3] *Testimonies for the*

Church, Nampa, Ida.: Pacific Press, 1948, vol. 6, p. 128.

[4] *Profetas e Reis*, Sabugo: Publicadora SerVir, 2007, pp. 363 e 364.



Maria da Luz Cordeiro
Diretora da Área Departamental da Família da
UPASD

Hoje fui aos Correios. Depois de fazer o pagamento, e quase a despedir-me da senhora que me atendeu, esta perguntou-me: “Não quer levar uma Raspadinha?”¹ “Não, obrigada!”, respondi. Imediatamente, a senhora, com entusiasmo, afirmou: “Só estava a cuidar da sua felicidade, menina!” “Oh, querida, se a nossa felicidade dependesse disso, não estávamos nada bem!”, respondi de forma gentil, serena, mas tão convicta, que o olhar da senhora demonstrou ter tido alguma “revelação surpreendente”.

Enquanto regressava a casa, pensava no sucedido: Quantas pessoas, de forma tão genuína, acreditam mesmo que parte da sua felicidade (já para não dizer “toda”) depende do acaso, da sorte? Quantas pessoas gastam o que não podem, na ilusão de que o melhor dia da sua vida está num pedaço de papel? Quantos justificam momentos áureos ou trágicos da sua vida, dizendo que é o destino, a sorte ou a falta dela?

Quantos viram uma simples brincadeira tornar-se numa real escravatura por causa dos jogos de azar? Quantos, famintos de “riqueza fácil”, corroem a paz nos seus lares? “*Os que querem ficar ricos caem em tentação, em armadilhas e em muitos desejos descontrolados e nocivos, que levam os homens a mergulharem na ruína e na destruição.*”² Não me entendam mal! Esforçarmo-nos de forma honesta por termos melhor qualidade de vida, melhor conforto e uma maior folga orçamental não tem nada de errado em si. A questão é que “*algumas pessoas, por cobiçarem o dinheiro, desviaram-se da fé e se atormentaram com muitos sofrimentos.*”³ Ignorar que todas as bênçãos que chegam até nós são concedidas por um Deus que cuida é passar pela vida ao “acaso”. Não é “sorte” ter uma família. Não é “sorte” ter um emprego e alimento em cima da mesa. Não é “sorte” ter saúde e forças para trabalhar. Não é “sorte” sen-

UMA RASPADINHA!



tirmo-nos amados e amarmos. Nada disto é apenas “sorte” ou “destino”. Não há nada disso de “sorte ou azar” no amor ou nos negócios!

Perceber o sentido da vida é reconhecer que a “felicidade” que advém dos “bilhetes da lotaria” é efêmera e passageira. A Humanidade verga-se sob o peso de um “*post*” de declarada “felicidade”, que se torna apenas numa fonte de terrível ansiedade. O mais importante foi esquecido: Que a Felicidade, a verdadeira, aquela que a Humanidade procura, é um Ser divino!

Precisamos de estar conscientes de onde viemos, de onde estamos e de para onde vamos. Não temos que passar pela vida sem rumo. É verdade que talvez não tenhamos tudo o que queremos, mas estamos bem, porque amamos tudo o que temos. Estamos bem, porque cada dia da nossa existência não é uma “aposta” ou uma “coincidência”, mas é, antes, a permanente manifestação de um Deus Criador que cuida dos Seus filhos. “*Diz aos ricos deste mundo que não sejam altivos, que não ponham a sua esperança nas riquezas, que são coisas instáveis, mas que*

ponham a sua confiança no Deus vivo, que tudo nos dá generosamente para nossa satisfação.”⁴

Prezado Leitor, a vida não é um jogo de sortes e de incertezas. É, antes, uma oportunidade para fazer melhor cada dia. Não entre em “modo fuga” quanto à sua responsabilidade de viver e prover para os seus essa Felicidade. Não rebaixe o valor da sua pessoa, o valor da sua família, a uns míseros centimos que o iludem numa felicidade barata. Não faça da Cruz um amuleto. A sua Felicidade teve um preço! Um preço muito alto, de valor inestimável! Confie em Deus, faça-Lhe saber todas as suas necessidades, pois, “*A sorte se lança no regaço, mas do Senhor procede toda a decisão*”.⁵

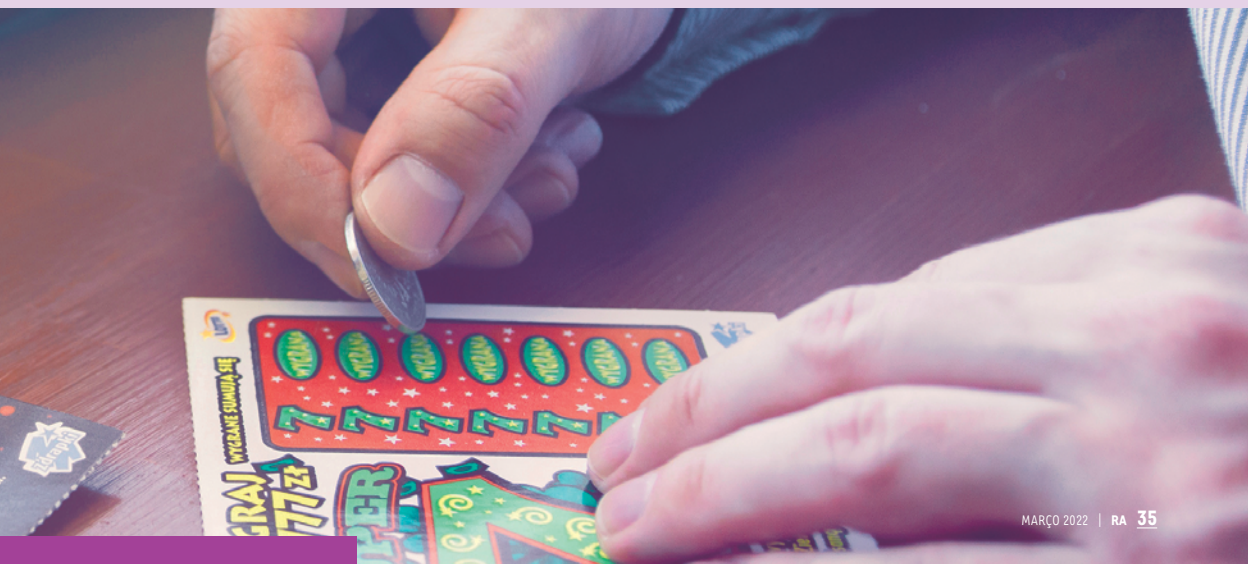
¹ Dicionário Priberam (online): “Raspadinha”: “Jogo que consiste em raspar um cartão para desvendar o seu conteúdo e saber se dá direito a prémio.”

² I Timóteo 6:9.

³ I Timóteo 6:10.

⁴ I Timóteo 6:17.

⁵ Salmo 16:33.





O LIVRO DO PROFETA DANIEL

» HISTÓRIA 3D «

Daniel ainda era jovem quando foi levado para viver em Babilónia. Ele e os três amigos foram escolhidos por serem de linhagem nobre e terem bom aspecto. Apesar de jovens, mantiveram-se sempre firmes nas verdades que tinham aprendido na Bíblia. E, por várias ve-

zes, não deixaram de fazer aquilo que estava certo, apesar do confronto com oficiais, com governadores e com o rei. Podes ler alguns desses episódios nos capítulos 1 a 6 de Daniel e faz uma linha do tempo com as legendas que encontras em baixo.

Ilustrações: freebibleimages.org



593 A.C.







BANCO DE FRASES: Ainda jovem, Daniel foi levado cativo para a Babilónia. Eles aprenderam a viver no palácio. Eles recusaram comer a comida do rei e pediram legumes e água. Diante do rei, eles eram os mais sábios. Daniel revela o sonho ao rei. Os três amigos permanecem fiéis a Deus na fornalha. Daniel foi colocado na cova dos leões, mas continuou a orar, e Deus protegeu-o.

» DESCUBRE MAIS «

Daniel viveu e escreveu o seu livro em Babilónia. Era um grande Império, conhecido ainda hoje pelas grandes construções. Hoje podemos apreciar nos museus de Paris e de Berlim muitas peças encontradas que mostram o esplendor da cidade. As muralhas, as portas de entrada com azulejos azuis decorados com leões e os jardins suspensos. O profeta Daniel serviu em dois Impérios: O Império de Babilónia e o Império da Pérsia. Ele sempre apresentou a verdade de Deus, mesmo quando corria risco de vida.







» DESENVOLVE SEMPRE «

Durante esse tempo, Deus revelou-lhe em sonhos e visões a história do mundo e da vida de Jesus. Foi Daniel que detalhadamente falou da morte de Jesus. Ele também indicou que Jesus era o Salva-



Paula Amorim

Diretora-Associada da Área da Família da UPASD para os Ministérios da Criação

» VERSÍCULO 3D «



“Ele é o _____ vivo, ele salva,



livra e opera _____ e mara-



vilhas no _____ e na _____”

[Daniel 6:26 e 27].

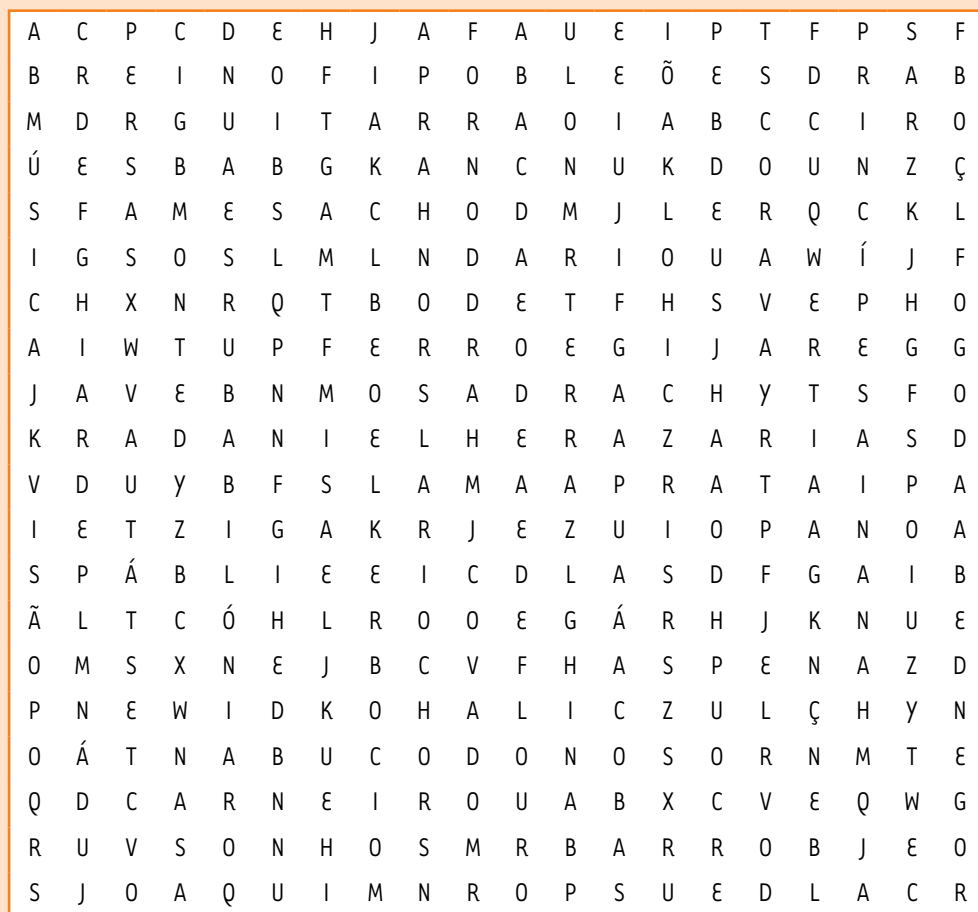
dor, enviado por Deus para reinar para sempre. Podes ver as profecias sobre Jesus nos capítulos 7 e 9. Através das revelações que Deus deu a Daniel, podemos compreender melhor toda a Bíblia e o plano de Deus para nos salvar.

» DÁ-TE À MISSÃO «

É surpreendente a integridade de Daniel. Ele sempre declarou com coragem a verdade de Deus. Podemos dar bom testemunho, como Daniel, ao apresentarmos a Bíblia sem medo. Pede uma Bíblia na tua igreja para ofereceres a um amigo.

» ATIVIDADE 3D «

Procura nesta sopa de letras as palavras que vês em baixo e que podes encontrar no livro de Daniel. As palavras estão escritas em todas as direções.



Joaquim
Judá
Nabucodonosor
Babilónia
Jerusalém
Aspenaz
Daniel
Hanania
Misael
Azarias
Belteshazar

Sadrach
Mesach
Abed-nego
Sonhos
Caldeus
Arioch
Visão
Estátua
Ouro
Prata
Cobre

Ferro
Barro
Pedra
Monte
Terra
Fogo
Harpa
Guitarra
Música
Forno
Anjo

Dario
Reino
Príncipes
Cova
Leões
Persas
Orava
Ciro
Carneiro
Bode
Deus

O PADRE

Agora é necessário que sejam os anjos e o Espírito Santo a fazer o trabalho que eu não consigo fazer, para que surjam frutos para a vida eterna!

Francisco Monteiro
Colportor-Evangelista

Estava a trabalhar numa localidade onde existe uma igreja Católica Romana e também uma casa paroquial.

Visitei algumas vezes, ao longo de várias semanas, a casa paroquial, no intuito de falar com o Padre e vender-lhe os meus livros, mas não o encontrava em casa. À quarta ou quinta tentativas, encontrei-o finalmente, e ele atendeu-me.

Depois de me ter apresentado, mostrei-lhe os livros *Patriarcas e Profetas*, *O Desejado de Todas as Nações*, *O Grande Conflito*, *Parábolas de Jesus* e *A Verdade Cristã*. Após lhe ter apresentado os livros, e de lhe ter mostrado o preço (cerca de 50 Euros), o Padre disse-me que não podia comprar, pois não tinha dinheiro. Após eu lhe propor ficar com os livros e pagar-me quando pudesse, ele disse-me que não podia comprar, porque era missionário e tinha feito voto de pobreza e de obediência; como tal, não só não tinha dinheiro, como o voto de

pobreza o impedia de ter património pessoal. Disse-me que não podia comprar nada sem a autorização do Padre Superior, que gere a comunidade onde vive: A casa paroquial habitada por três Padres, sendo ele um deles.

Em face do que ele me disse, eu olhei-o bem nos olhos e disse-lhe: “Não está autorizado a comprar nada sem o seu Superior, a quem deve obediência, lho permitir. Muito bem! Eu estou autorizado a emprestar-lhe estes livros, para que os possa ler. Empréstimo-lhe, neste momento, este: *Patriarcas e Profetas*. Daqui a um mês, passo por aqui e, se já o tiver lido, eu levo-o de volta e empresto-lhe este outro: *O Desejado de Todas as Nações*. Depois emprestar-lhe-ei *O Grande Conflito*.” Ele aceitou ficar com o primeiro livro. Pedi-lhe o contacto telefónico e fiquei de passar um mês depois, isto é, no mês de março de 2022.

Agora é necessário que sejam os anjos e o Espírito Santo a fazer o trabalho que eu não consigo fazer, para que surjam frutos para a vida eterna!



*Memórias
da Nossa
História*



Paulo Lima
Editor da Revista Adventista



Alguns membros fundadores da igreja de Lisboa, na década de 1920.
O Pr. Alberto Raposo encontra-se no centro, segurando a Bíblia.

ALBERTO RAPOSO

PIONEIRO ADVENTISTA EM PORTUGAL

Alberto Raposo foi o primeiro Pastor Adventista português ordenado e o primeiro missionário Adventista português. Os seus escritos contribuíram para a disseminação do Adventismo em Portugal.

INÍCIO DE VIDA E CONVERSÃO

Alberto Fernando Raposo nasceu em 29 de outubro de 1891, em Lisboa, numa família Católica Romana de classe média. Em 1906, foi apresentado à fé Adventista do Sétimo Dia por Clarence Rentfro (1877-1951). Rentfro foi o primeiro missionário denominacional enviado para Portugal, em 1904.

Fernando Raposo, o pai de Alberto, era um empresário bem-sucedido e queria dar ao seu filho uma boa formação. Dado que Fernando Raposo tinha estabelecido uma amizade calorosa com Clarence Rentfro, pediu-lhe que ensinasse ao seu filho a língua inglesa. Em breve, as lições de inglês foram preenchidas por temas espirituais. Foi estabelecido um laço de amizade e de simpatia espiritual entre Clarence Rentfro e Alberto Raposo. Algum tempo depois das lições de inglês terem começado, em 1906, o pai de Alberto enviou-o para Inglaterra, para aperfeiçoar o inglês.

Em Inglaterra, Alberto foi confiado pelo seu pai a uma família portuguesa que residia em Manchester. Mas esta família foi forçada a partir da cidade, pelo que deixou Alberto Raposo com outra família, que também residia em Manchester. Esta segunda família tinha aceite a fé Adventista e convidou o seu jovem hóspede português para que viesse também ao serviço de culto e às reuniões de jovens da igreja. Alberto começou a estudar a Bíblia e decidiu aceitar a fé Adventista. Foi batizado na Igreja Adventista do Sétimo Dia em agosto de 1908, em



Alberto F. Raposo

Manchester, Inglaterra, pelo Pastor W. Knight.

Dois meses depois, Alberto regressou a Portugal e uma das primeiras visitas que fez foi a Clarence Rentfro. Rentfro ficou felicíssimo quando soube que o seu antigo aluno já tinha sido batizado. No entanto, o pai de Alberto não ficou feliz com a decisão do seu jovem filho. Ele tentou convencer Alberto do seu “erro”, mas não teve êxito. Alberto tinha firmemente decidido dedicar a sua vida à disseminação da mensagem Adventista em Portugal. Em outubro de 1911, partiu para Gland, na Suíça, onde se inscreveu no curso de Teologia da Escola da União Latina. Alberto terminou os seus estudos de Teologia na primavera de 1914 e então regressou a Portugal.¹

Alberto F. Raposo e família em Cabo Verde.



INÍCIO DO MINISTÉRIO E POSIÇÕES ADMINISTRATIVAS

Em 1914, Alberto começou o seu ministério como Colportor-Evangelista



H. F. Neumann ministrando um batismo na igreja de Lisboa, na presença dos Pastores Manuel Leal, Manuel Margarido (Brasil), Manuel Lourinho, Fernando Simões, **Alberto F. Raposo** e Pedro Ribeiro.



Alguns obreiros presentes na Assembleia da Conferência Portuguesa, em 1947. **O Pr. Alberto F. Raposo** é o sétimo na imagem.

no Porto, mas rapidamente foi-lhe atribuída a função de Pastor auxiliar em Lisboa. Paul Meyer (1886-1945), que era então o Pastor titular da igreja de Lisboa, apreciou bastante a colaboração prestada pelo jovem Pastor português. Em 30 de novembro de 1915, Alberto casou com Bertha Kleist. Tragicamente, ela morreu de tuberculose em 17 de abril de 1924. Em 1917, Clarence Rentfro deixou Portugal e Paul Meyer assumiu a Presidência da Missão Portuguesa. Alberto foi então indigitado Pastor da igreja Adventista do Porto. Ele permaneceu nessa cidade nortenha até julho de 1920. Em 6 de fevereiro de 1921, tornou-se no Secretário-Tesoureiro da Missão Portuguesa, um cargo que exerceu até agosto de 1933. Foi nesta capacidade que dirigiu o trabalho da Missão Portuguesa de outubro de 1928 a março de 1930. Entretanto, em 9 de dezembro de 1928, casou com Nazaré Velez.

ORDENAÇÃO E ANOS POSTERIORES

Em setembro de 1933, foi designado como Pastor da igreja de Portalegre.

Permaneceu em Portalegre até 1935. Na sessão anual da Missão Portuguesa de maio de 1935, Alberto foi ordenado ao ministério pastoral. Em 25 de junho de 1935, Alberto e Nazaré partiram para Cabo Verde, enquanto primeiro casal missionário Adventista português. Chegaram ao arquipélago africano a 6 de julho de 1935. Alberto Raposo decidiu instalar-se na Ilha Brava, embora também tenha trabalhado como missionário na Ilha do Fogo. Depois de seis anos de intenso trabalho missionário, foi construída uma capela e foi aberta uma escola primária na Brava. Quando Raposo partiu de Cabo Verde, deixou para trás 30 membros batizados e 10 candidatos ao batismo na Ilha Brava e ainda 20 candidatos ao batismo na Ilha do Fogo.

A família Raposo regressou a Portugal em maio de 1941. Alberto foi então eleito Diretor da Missão da Madeira. Ele e Nazaré chegaram à Ilha em setembro de 1941 e Alberto permaneceu no seu cargo até meados de 1943. De 1943 a 1949, Raposo foi



Pr. Giuseppe Cupertino com um grupo de Obreiros portugueses e seus familiares, em 1961. O Pr. Alberto F. Raposo é o que se encontra sentado à esquerda, ao lado da sua esposa, Nazaré V. Raposo.

Secretário-Tesoureiro da União Portuguesa e Diretor da Publicadora Atlântico, a então Casa Publicadora Portuguesa. Ele foi o autor de vários opúsculos, incluindo *A Imortalidade à Luz do Texto Sagrado*, *É a Alma Imortal?*, *Para Onde os Concílios Levam a Igreja?* e ainda *A Verdade Divina*. Estes opúsculos desempenharam um papel significativo na disseminação da mensagem Adventista em Portugal naquela época.²

De outubro de 1950 até outubro de 1952, Alberto foi o Reitor do Seminário Adventista de Portalegre. De 1953 até 1957, dirigiu a Escola Bíblica por Correspondência portuguesa. Alberto Fernando Raposo retirou-se do serviço ativo em 1957 e faleceu em 17 de setembro de 1966.³

CONTRIBUIÇÃO

A contribuição do Pastor Alberto Fernando Raposo para o desenvolvimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal foi significativa. Ele foi o primeiro Pastor português ordenado e o primeiro missionário Adventista por-

tuguês, e os seus escritos contribuíram para a disseminação do Adventismo no seu país.

FONTES:

- Casaca, Armando. "Dormindo no Senhor." Revista Adventista. Outubro de 1966.
- Ferreira, Ernesto. "Alberto Fernando Raposo." Revista Adventista. Abril de 2004.
- Ferreira, Ernesto. Arautos de Boas Novas: Centenário da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal 1904-2004. Sabugo: Publicadora SerVir, 2008.
- Morgado, Joaquim. "Gente Nossa." Revista Adventista. Outubro de 1995.
- Raposo, Alberto Fernando. "Aos nossos prezados irmãos de Angola." Revista Adventista. Julho de 1959.
- S. I. "Ao Pastor Fernando Raposo: Falha-lhe Angola." Revista Adventista. Junho de 1959.

¹ Ernesto Ferreira, "Alberto Fernando Raposo", Revista Adventista 65.683 (abril de 2004), 31; Ernesto Ferreira, Arautos de Boas Novas: Centenário da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal 1904-2004 (Sabugo: Publicadora SerVir, 2008), 164; Joaquim Morgado, "Gente Nossa", Revista Adventista 55.581 (outubro de 1995): 13.

² Ferreira, "Alberto Fernando Raposo", 32.

³ Ferreira, "Alberto Fernando Raposo", 31 e 32; Ferreira, Arautos de Boas Novas, 164; Morgado, "Gente Nossa", 14; Armando Casaca, "Dormindo no Senhor", Revista Adventista 27.241 (outubro de 1966): 4.

Retirado da *Adventist Review* de 22 de janeiro de 2021 e da *Encyclopedia of Seventh-Day Adventists*, s.v. "Raposo, Alberto Fernando (1891-1966)".



O trabalho da ADRA na Europa

1 JAN 2022 | EUD NEWS/RA

A ADRA é o braço humanitário da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Os membros da Igreja doam à ADRA, oram pela ADRA e, em parte, participam na angariação de fundos para a ADRA.

Recentemente, a ADRA Europa publicou um relatório abrangente sobre a sua operação em toda a Europa. Em seguida, apresentamos alguns excertos desse relatório.

Roménia

Nos 31 anos desde o seu estabelecimento, a atividade social da Igreja Adventista do Sétimo Dia na Roménia, através da ADRA, tem sido frutífera. Estabelecida em 1990, a ADRA Roménia tem estado envolvida em projetos de desenvolvimento que beneficiam toda a população. O seu objetivo é melhorar a qualidade de vida dos necessitados e investir no potencial das pessoas através de iniciativas de desenvolvimento da Comunidade.

De um total de 1075 igrejas Adventistas na Roménia, pelo menos 600 estiveram ativamente envolvidas em projetos da ADRA Roménia a partir de 2020. Desde o começo da pandemia de Covid-19, a ADRA, em colaboração com a IASD, conseguiu distribuir 350 toneladas de alimentos, sete toneladas de roupa e de sapatos, cinco toneladas de produtos de higiene, 100 000 máscaras de proteção e 200 000 luvas descartáveis.

1283 voluntários estiveram envolvidos nos projetos da ADRA Roménia em 2020, prestando assistência a 77 711 beneficiários.

Portugal

Tudo começou em 2008, quando a IASD em Portugal convidou a ADRA para organizar o trabalho social realizado localmente pelas congregações. A ADRA Portugal, depois de consultas com as igrejas locais, estruturou um modelo de ação baseado na criação de respostas sociais, de modo a responder às necessidades identificadas pelas autarquias. A ADRA Portugal criou manuais para os voluntários aprenderem a estru-



turar projetos e providenciou formação de norte a sul do país. Treze anos depois, há 109 delegações locais da ADRA e 89 delas, em 2020, tinham projetos ativos que envolviam 1200 voluntários.

Outra área em que os membros da IASD prestam ajuda é no programa nacional de assistência social da ADRA Portugal, que provê alimentos a famílias com baixos rendimentos. A ADRA estabeleceu parcerias com algumas cadeias de hipermercados para o fornecimento de bens alimentares perecíveis e não perecíveis, que os voluntários da ADRA depois distribuem a beneficiários. Os 89 projetos variam nos serviços que oferecem. Alguns oferecem atividades adicionais, que incluem a distribuição de roupa em segunda mão, formações, assistência na procura de trabalho e angariação de fundos.

Em 2020, o Programa Nacional de Assistência Social incluía 1200 voluntários, com 89 projetos, sendo alcançados 14 000 beneficiários e tendo sido distribuídas 900 toneladas de alimentos.

Espanha

Desde o início da década de 1990, o Diretor da ADRA Espanha começou a estabelecer um sistema de coordenação entre a ADRA e as igrejas da União Espanhola. O objetivo era facilitar a missão de apoio social nas localidades em que a IASD estava presente.

Em 1994, a ADRA Espanha definiu uma estratégia para criar uma estrutura que permitisse a cada igreja desenvolver programas de solidariedade e projetos de apoio à sua Comunidade.

A ADRA Espanha tornou-se num membro ativo das plataformas de ONG do seu país. A Direção da ADRA Espanha tornou-se parte da Direção da Comissão de Coordenação para a Cooperação Internacional, uma ONGD espanhola.

França

Em França, a colaboração entre a ADRA e as igrejas locais ocorre num contexto legal específico, onde existe uma clara separação entre as atividades religiosas e associativas. A ADRA França promove a colaboração com outras associações, fundações e organizações estatais.

As delegações locais da ADRA permitem que algumas igrejas sejam reconhecidas na Comunidade como lugares onde os necessitados são bem-vindos e apoiados. Elas também oferecem aos membros de Igreja oportunidades para expressarem a sua fé em ações humanitárias.

Itália

A ADRA Itália e a IASD interagem intensa e quotidianamente. Assim, 33 das 40 delegações locais da ADRA estão situadas em igrejas Adventistas. A IASD é vista como uma Comunidade de fé que se preocupa com o próximo. Uma elevada percentagem dos voluntários da ADRA Itália são membros da IASD.

A pandemia de Covid-19 ofereceu à geração mais nova a oportunidade de se colocar ao serviço da Comunidade. Muitos dos jovens e dos adultos se puseram ao serviço da missão humanitária da ADRA durante o ano de 2021.



Batismo e Investiduras em Braga

11 JAN 2022 DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
DA IASD DE BRAGA

No passado dia 27 de novembro, a igreja de Braga esteve em festa, duplamente, já que foram realizadas duas Cerimónias: uma Cerimónia de Investiduras e uma Cerimónia Batismal.

Com respeito à Cerimónia de Investiduras, foi o coroar de um ano de atividades e de esforço de cada criança e jovem, bem como dos seus dirigentes e pais, no compromisso e envolvimento nos Clubes, dentro das limitações e do tempo em que vivemos.

Houve investiduras de lenço e de especialidades em cada faixa etária, dos rebentos até aos seniores. Uma palavra de apreço aos dirigentes, que, ao longo do ano, dedicaram parte do seu tempo ao acompanhamento destas crianças, dos jovens e adultos.

Após as Investiduras, ocorreu uma Cerimónia Batismal, onde tivemos o

privilégio e a bênção de ver a jovem Catarina Silva entregar a sua vida a Cristo através das águas batismais.

A alegria, o sorriso e a felicidade da nossa irmã mais nova, Catarina, mostrou a toda a igreja que entregar a vida a Jesus é a melhor decisão que cada pessoa pode tomar.

O texto favorito da nossa irmã Catarina encontra-se no Salmo 56:11: *“Neste Deus ponho a minha confiança e nada temerei. Que me pode fazer o homem?”* Que assim seja!



Batismo em Coimbra

7 DEZ 2021 PAULO NEVES, PASTOR DA IASD DE COIMBRA

“Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (II Coríntios 5:17).

Foi com grande alegria que a Comunidade Adventista do Sétimo Dia em Coimbra presenciou, no passado sábado 13 de novembro de 2021, o batismo da nossa querida amiga Aurélia Santos.

Ao aceitar Jesus Cristo como seu Salvador pessoal, a Irmã Aurélia testemunhou perante irmãos e amigos o desenvolvimento da sua fé e a sua entrega total. Numa cerimónia oficializada

pelo Pastor Paulo Magalhães, o testemunho desta nova irmã foi importante para contagiar novos corações para Jesus. Que o Senhor abençoe a irmã Aurélia no seu percurso de fé e que o seu coração se fortaleça diariamente, até ao dia em que, juntos, nos reuniremos na Pátria celestial.



Batismo na igreja de Touregas

20 JAN 2022 PAULO NEVES,
PASTOR DO DISTRITO PASTORAL DE COIMBRA

“Entrega o teu caminho ao Senhor; confia nele, e ele tudo fará” (Salmo 37:5).

No dia 18 de dezembro de 2021, ao longo de uma Cerimónia Batismal oficializada pelo Pastor Paulo Neves na linda igreja de Touregas, a nossa querida amiga Ana Pinto quis testemunhar o seu amor pelo Salvador perante o Céu e os presentes, entregando-se nos braços do Pai. Foi com grande satisfação que presenciámos esse testemunho da nossa estimada Ana. Ao apelo pastoral, os membros da igreja expressaram a sua fé no Criador e o seu desejo

de se consagrarem mais ao Seu serviço. Naquela água batismal, a Ana quis “morrer” para o pecado e “ressuscitar” para uma nova vida em Cristo. Que o Santo Espírito conduza esta nova irmã, assim como a todos nós, na nossa caminhada rumo ao Lar Eterno.



Batismo em Coimbra

20 JAN 2022 PAULO NEVES, PASTOR DA IASD DE COIMBRA

“Jesus respondeu: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus” (João 3:5).

Grande alegria inundou os corações da Comunidade Adventista do Sétimo Dia em Coimbra no passado dia 4 de janeiro de 2022, quando o nosso querido amigo Edmilson Soares voltou para os braços do seu Criador. Ao aceitar Jesus como seu Salvador pessoal, e descendo às águas batismais, este nosso irmão testemunhou da sua fé perante todos os presentes. Que o Senhor abençoe este irmão e que a sua fé se fortaleça diariamente, até ao dia em que, juntos, nos reuniremos com o nosso Deus na Pátria Celestial.

Assembleia ESPIRITUAL

30 DE ABRIL DE 2022

AULA MAGNA DA REITORIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

CONVIDADO
PASTOR BILL KNOTT



ASSEMBLEIA-GERAL
de Comunidades

26 A 29 DE ABRIL DE 2022

HOTEL GOLF MAR
PORTO NOVO - MACEIRA

Senhor,
eu **VOU**

CONVOCATÓRIA PARA A XXª ASSEMBLEIA-GERAL DE COMUNIDADES

A UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA, em complemento ao disposto nos seus estatutos (Artigo 12º, nº 2), informa a Igreja no seu território e convoca os seus Delegados para a XXª Assembleia-Geral de Comunidades, que se realizará nas instalações do Hotel Golf Mar, em Maceira, Vimeiro, entre os dias 26 e 29 de abril de 2022. Mais informa que, no dia 30, terá lugar a Assembleia Espiritual, que encerra os trabalhos da Assembleia Administrativa, e que terá lugar nas instalações da Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa.

ANTÓNIO LOPES AMORIM

PRÉSIDENTE DA UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA